



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**O ASSÉDIO SEXUAL NO CONTEXTO
UNIVERSITÁRIO PORTUGUÊS: A
EXPERIÊNCIA DE SER ASSEDIADO
DENTRO DA FACULDADE**

CAROLINA FREIRE DA COSTA MELO

Orientador de Dissertação:

VICTOR AMORIM RODRIGUES

Coordenador do Seminário de Dissertação:

VICTOR AMORIM RODRIGUES

Tese submetida com requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2019

**Dissertação de Mestrado realizada
sob a orientação de Victor Amorim Rodrigues,
apresentada no ISPA-Instituto Universitário
para a obtenção de grau Mestre na especialidade
Psicologia Clínica**

AGRADECIMENTOS

Um Muito Obrigada,

Aos meus Pais e aos meus Avós, por me terem acompanhado em todo este percurso, por acreditarem em mim e me apoiarem;

Ao Professor Doutor Victor Amorim, por toda ajuda e conselhos que me deu ao longo do seminário, o meu Muito Obrigada;

Às minhas “Marias”, que me acompanharam nos últimos cinco anos e que sempre me apoiaram, o meu mais sincero Obrigada. Sem elas, este percurso não teria sido o mesmo.

À Teresa, a minha companheira de congressos e que tem sido uma constante no meu percurso, um Muito Obrigada por me aturares e por me ouvires sempre;

À Marta, um Obrigado não chega, por conter as “minhas angústias” e por estar sempre lá comigo, em todos os momentos.

“Carry out a random act of Kindness, with no expectation of reward, safe in the knowledge that one day someone might do the same for you”.

(Diana of Wales, 1992)

O Assédio Sexual em Contexto Universitário Português: A Experiência de Ser Assediado Dentro da Faculdade

RESUMO

O Assédio Sexual, em contexto universitário, tem sido um tema muito debatido, ao longo dos últimos meses, devido aos vários casos de assédio reportados por estudantes nas Universidades dos Estados Unidos. Em Portugal, os estudos sobre o Assédio Sexual em contexto académico são escassos, contudo, numa pesquisa recente, verificou-se que os Estudantes Universitários Portugueses estão a ser assediados dentro das universidades, por pessoas que estão integradas no Corpo Estudantil.

Assim, surgiu a necessidade de realizar um estudo qualitativo, com base no Método Fenomenológico Descritivo de Giorgi, com estudantes universitários portugueses, de modo a tentar perceber, como é que experienciam o assédio sexual num contexto académico e como lidam com o mesmo.

Os resultados obtidos demonstram que, os estudantes portugueses experienciam o Assédio Sexual, como sendo algo que têm impacto na sua vida diária, que são assediados, maioritariamente por colegas de curso e que utilizam estratégias de evitamento, como forma de lidar com a experiência de assédio.

Palavras-Chave: Assédio Sexual; Estudantes Universitários, Método Fenomenológico Descritivo, Investigação Qualitativa.

The Experience of Sexual Harassment in an Academic Context: Study with Portuguese University Students.

ABSTRACT

Sexual Harassment in an Academic Contexts has been a debated topic over the past few months, due to the various cases of harassment reported by college students in United States universities. In Portugal, studies about sexual harassment in universities are scarce. However, it was recently found that people who are part of the Student Body harass university students inside Portuguese Universities.

Therefore, a need has emerged to carry out a qualitative study with Portuguese University Students, based on the Giorgi Descriptive Method, to try to understand how Portuguese Students experience Sexual Harassment in Academic Contexts and how they cope with it.

The results show that Portuguese Students experience Harassment is something that has an impact on their daily life and that they are mainly harassed by their colleagues. In addition, they use avoidance strategies to deal with the harassment.

Key Words: Sexual Harassment; College Students; Phenomenological Approach; Qualitative research

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	III
RESUMO	IV
ABSTRACT	V
ÍNDICE	VI
INTRODUÇÃO	1
MÉTODO	3
Participantes	5
Instrumento	5
Procedimento	5
RESULTADOS	5
<i>Tabela 1- Constituintes Essenciais da Primeira Experiência</i>	6
<i>Tabela 2- Constituintes Essenciais da Segunda Experiência</i>	6
DISCUSSÃO	7
Limitações e Estudos Futuros	11
CONCLUSÃO	12
REFERÊNCIAS	12
ANEXOS	14
Anexo 1- Revisão de Literatura	14
Referências	27
Anexo 2- Consentimento Informado	31
Anexo 3- Guião da Entrevista	32
Anexo 4- Entrevistas dos Participantes	33

ÍNDICE DE ANEXOS

Índice de Tabelas

<u>TABELA 1- CONSTITUINTES ESSENCIAIS DA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA</u>	6
<u>TABELA 2- CONSTITUINTES ESSENCIAIS DA SEGUNDA EXPERIÊNCIA</u>	6
<u>ANEXO 5- TABELA 3. PARTICIPANTE 1</u>	49
<u>ANEXO 6- TABELA 4. PARTICIPANTE 2</u>	55
<u>ANEXO 7- TABELA 5. PARTICIPANTE 3</u>	62
<u>ANEXO 8- TABELA 6. PARTICIPANTE 4</u>	67
<u>ANEXO 9- TABELA 7. PARTICIPANTE 5</u>	74
<u>ANEXO 10- TABELA 8. PARTICIPANTE 6</u>	78
<u>ANEXO 11- TABELA 9. CONSTITUINTES ESSENCIAIS DA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA</u>	86
<u>ANEXO 12- TABELA 10. CONSTITUINTES ESSENCIAIS DA SEGUNDA EXPERIÊNCIA</u>	89

Índice de Figuras

ANEXO 13- FIGURA 1. ESQUEMA DOS CONSTITUINTES DA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA	90
ANEXO 14- FIGURA 2. ESQUEMA DOS CONSTITUINTES DA SEGUNDA EXPERIÊNCIA	90

INTRODUÇÃO

Nos últimos meses, devido ao Movimento *MeToo*, criado nos Estados Unidos, existiu um aumento do número de pessoas, em especial mulheres, que reportaram ser assediadas, em diversos contextos, ao longo da sua vida. Este aumento das queixas, ocorreu também no contexto académico, onde muitos dos estudantes, reportaram ter sido assediados dentro da Universidade, por professores, colegas e outros funcionários, que integravam o *Staff*. Após a denúncia, alguns dos casos foram julgados, uma vez que, o assédio sexual é punível com pena de prisão, nos Estados Unidos.

No nosso país, pouco se conhece sobre o Assédio Sexual dentro das universidades, contudo, um estudo recente realizado pela UMAR (União de Mulheres Alternativa e Resposta), revela a existência de Assédio na Universidade de Coimbra em grande escala, onde a maioria das pessoas inquiridas (94%), onde se incluía estudantes, mas também, funcionárias da faculdade, afirmava já ter sido assediada, ao longo do seu percurso académico, maioritariamente por pessoas, com as quais mantinham uma relação (UMAR, 2018). No entanto, segundo a Lei Portuguesa, o Assédio Sexual, ainda não é considerado, um crime independente, estando integrado, dentro do

Artigo 170º do Código Penal, Importunação Sexual, que poderá levar a uma pena de prisão, de apenas um ano.

Porém, devido ao número de estudantes que, afirmaram ser assediados no contexto académico Português, mas também, tendo em consideração, os casos que não são reportados, parece pertinente, começar a criminalizar o Assédio Sexual, de modo a que, as vítimas se sintam mais seguras nos locais que frequentam, em particular, dentro do Estabelecimento de Ensino e que os agressores sejam punidos, de alguma forma.

Assim, o objetivo deste estudo, é antes de mais perceber, como é que se desenrola o assédio sexual num contexto universitário português e também como é que os estudantes vivenciam esta experiência, como é que sentiram no decorrer da mesma e se existiu algum tipo de consequências a nível psicológico. Através deste estudo, vamos ainda tentar perceber se a experiência de assédio é vivenciada da mesma forma, por todos os estudantes ou se existem características individuais que diferenciam cada uma das vivências.

De acordo com Till (1980), o Assédio Sexual em Contexto Universitário é definido como o “ uso de autoridade para enfatizar a sexualidade ou a identidade

sexual de um estudante, de uma maneira na qual, impede ou prejudica o estudante de desfrutar os benefícios educacionais, climáticos ou oportunidades” (Till, 1980). Os estudantes reportam ser assediados por professores, profissionais que trabalham dentro da faculdade (Reilly, Lott, & Gallogly, 1986), e também por colegas, o que contribui para a diminuição da sensação do sentimento de segurança dentro do *Campus* Universitário (Rosenthal, Smidt, & Freyd, 2016).

Ao longo dos últimos anos, o Assédio Sexual, tem sido correlacionado, com numerosas consequências, tanto a um nível físico, como a um nível psicológico. A um Nível Físico, podemos falar de distúrbios do sono, dores de cabeça, fadiga e comportamentos não saudáveis como, distúrbios alimentares (Cleary, Schmieler, Parascenzo, & Ambrosio, 1994). Tendo ainda sido, recentemente relacionado, como maiores problemas a nível do ciclo menstrual das mulheres, onde as estudantes que reportavam ser assediadas, de uma forma mais severa, afirmavam ter mais dores, mais sangramento e ciclos irregulares (Romito, Cedolin, Bastiani, & Cubizolles, 2017).

A um Nível Psicológico, o assédio foi associado a emoções negativas, como a raiva, o medo, a vergonha e a culpa (Ho, Bellefontaine, & Irving, 2012), diminuição

da auto- confiança (Benson & Thompson, 1982), sentimentos de desesperança (Van Roosmalen & McDaniel, 1999; Yoon, Funk, & Kropf, 2010) depressão, ansiedade e sintomas da Perturbação de *Stress* Pós-Traumático (Ho, Bellefontaine, & Irving, 2012). Tendo em conta, as consequências mencionadas, seria importante tentar perceber, se os estudantes que foram vítimas de assédio pediram ajuda a profissionais da área da Saúde Mental, para lidar com este tipo de experiência, tal como aconteceu nos Estados Unidos, com estudantes vítimas de violência sexual (Artime & Buchholz, 2016).

A um Nível Académico, o assédio sexual foi relacionado com uma experiência académica disruptiva (Benson & Thompson, 1982), o que levou, a que os estudantes percecionassem menos justiça e igualdade dentro da universidade, diminuição da confiança nas suas capacidades académicas e sentimentos de desrespeito (Cortina, Swan, Fitzgerald, & Waldo, 1998) e traição (Smith & Freyd, 2013), dentro do *Campus*.

As estratégias mais utilizadas pelos estudantes para lidar com os comportamentos, considerados como assédio, foram maioritariamente, ignorar o comportamento do agressor (Benson & Thompson, 1982; Cochran, Frazier, & Olson, 1997), e a utilização de estratégias de

evitamento como, deixar de frequentar as aulas, mudar de curso ou desistir da universidade (McKinney, Olson, & Satterfield, 1988). As estratégias consideradas menos comuns, eram contar a alguém sobre o assédio (Benson & Thompson, 1982), confrontar o agressor ou fazer uma queixa contra o mesmo (Reilly, Lott, & Gallogly, 1986).

MÉTODO

O método utilizado neste estudo foi o Método Fenomenológico Descritivo de Amedeo Giorgi, que é considerado um dos métodos mais antigos e estabelecidos da Psicologia Fenomenológica (Langdrige, 2007). O objetivo da Fenomenologia Descritiva é voltar a ver “as coisas nelas próprias” (Langdrige, 2007), sendo que, o foco se encontra na forma, como a pessoa vivencia a experiência que está a ser analisada. Seguidamente, é realizada uma análise para discernir qual a estrutura subjacente da experiência, em estudo e obter os resultados, que descrevem os significados individuais e a estrutura universal da experiência analisada (Langdrige, 2007).

Segundo Giorgi e Sousa (2010), a análise da entrevista deve ser realizada em quatro etapas, sendo estas: estabelecer o sentido

geral da entrevista; determinar as partes, ou seja, dividir em Unidades de Significado; transformar as Unidades de Significado em Caráter Psicológico e por último, determinar a Estrutura Geral dos Significados Psicológicos (Giorgi & Sousa, 2010).

De seguida, vão ser explicadas de uma forma breve, cada umas das quatro etapas:

Primeira Etapa- Esta etapa consiste, em ler a transcrição completa da entrevista do participante, onde o investigador se vai colocar numa Atitude de Redução Fenomenológica, uma vez que, o grande foco é “a compreensão geral das descrições realizadas pelo sujeito” (Giorgi e Sousa, 2010), para conseguir chegar a “um sentido da experiência na sua globalidade” (Giorgi e Sousa, 2010). Para tal poder acontecer, o investigador, não se vai apenas focar nas partes da entrevista, que considera ser fundamentais, nem vai colocar hipóteses interpretativas do que está a ser referido pelo participante, vai ter em consideração, a entrevista na sua totalidade (Giorgi e Sousa, 2010).

Segunda Etapa- Após chegar ao Sentido Geral da Entrevista do participante, o investigador, para fazer uma Análise Fenomenológica mais rigorosa, vai dividir a entrevista, em partes mais pequenas, denominadas, de Unidades de Significado,

cujo o objetivo, é fazer uma análise mais profunda da entrevista (Giorgi e Sousa, 2010). Para se conseguir dividir a entrevista em partes mais pequenas, o investigador vai colocar uma marca na entrevista, sempre que se verificar uma “mudança de sentido nas descrições dos sujeitos” (Giorgi e Sousa, 2010). Estas marcas vão ser realizadas até ao final da entrevista e no fim, a mesma vai estar dividida em Unidades de Significado, relevantes para o tema em estudo (Giorgi e Sousa, 2010). Importa referir que estas unidades não “existem” nas descrições em si mesmas, estão apenas correlacionadas com as opções de divisão do investigador, que segue a perspetiva da sua disciplina em estudo” (Giorgi e Sousa, 2010), ou seja, as unidades de significado deste estudo, só existem dentro do mesmo (neste contexto) e fora deste contexto, não tem o mesmo significado.

Terceira Etapa- Nesta etapa, o objetivo é chegar ao Sentido Psicológico da experiência que é relatada pelos participantes, tendo em conta tema do nosso estudo. Chegamos ao Sentido Psicológico através das Unidades de Significado feitas na segunda etapa. Contudo, podem existir Unidades de Significado que não tem Significado Psicológico, sendo apenas descritivas da experiência do sujeito. Assim, cabe ao investigador “intuir e de descrever essencialmente os significados

psicológicos contidos nas descrições dos sujeitos” (Giorgi e Sousa, 2010). Sendo importante, contudo, se manter “fiel” ao que o participante conta na sua descrição da experiência, não reformulando ou descrevendo, de outra maneira, que o participante nos disse (Giorgi e Sousa, 2010). Aqui importa, também, que o investigador tenha em conta que o método é descritivo e por isso, deve ser evitado utilizar uma linguagem específica de alguma Escola Teórica e ter em conta, que as especificidades pessoais de cada participante, servem apenas para perceber o contexto em que se desenrola o Fenómeno Psicológico (Giorgi e Sousa, 2010).

Quarta Etapa- O investigador, vai “transformar as Unidades de Significado numa Estrutura Descritiva Geral” (Giorgi e Sousa, 2010). Ou seja, nesta última etapa, depois de as unidades de significado já terem sentidos psicológicos, o investigador vai perceber quais os sentidos que são comuns a todas descrições dos participantes e vai chegar aos Constituintes Essenciais da Experiência, que estão nas Unidades de Significado e às relações entre as várias unidades, que vão levar a que o investigador chegue a uma Estrutura Geral da Experiência (Giorgi e Sousa, 2010). Esta estrutura geral vai englobar “os sentidos mais invariantes que pertencem às unidades de significado transformadas em linguagem

psicológica” (Giorgi e Sousa, 2010). Em suma, o último passo do método vai ser fazer uma síntese geral das Unidades de Significado Psicológico (Giorgi e Sousa, 2010).

Participantes

Este estudo foi realizado com seis participantes, cinco mulheres e um homem, todos eles estudantes universitários portugueses, que se encontravam na Licenciatura ou no Mestrado. As suas idades variam entre os 19 e os 47 anos. Os participantes foram escolhidos, tendo em conta, o seu tempo e disponibilidade para responder às questões, uma vez que, o estudo foi conduzido *online*.

Instrumento

O instrumento utilizado para a realização deste estudo foi uma Entrevista Fenomenológica Semi- Estruturada, baseada no Método Descritivo de Giorgi. Esta entrevista era constituída por oito questões abertas, onde era pedido aos participantes para explicarem, da forma mais detalhada e honesta possível, a sua experiência de Assédio Sexual em contexto académico, sendo que, todas as questões eram de resposta obrigatória. Foi ainda realizado um questionário Sociodemográfico, para sabermos qual a idade, género, local de residência e em que

ano da Faculdade se encontravam os participantes.

Procedimento

Antes do início do estudo, cada participante leu o Consentimento Informado, onde era garantido a confidencialidade e anonimato das respostas e era pedido que só respondessem ao questionário, caso tivessem uma experiência de assédio dentro da faculdade. De seguida, preencheram o questionário Sociodemográfico e só depois, responderam às oito questões sobre a sua experiência de Assédio Sexual.

As entrevistas foram realizadas *online*, de modo a garantir o anonimato dos participantes, uma vez que, o assédio sexual continua a ser um tema difícil de debater e devido à dificuldade de encontrar pessoas dispostas a falar presencialmente sobre o seu caso de assédio.

RESULTADOS

Após a análise das entrevistas dos participantes, foi possível chegar a Duas Estruturas Essenciais da Experiência de Assédio Sexual em Contexto Académico. A Primeira Estrutura é comum a cinco participantes do Sexo Feminino e é composta por seis constituintes essenciais. A Segunda Estrutura, tem como base, as respostas do participante do Sexo

Masculino e é também, composta por seis constituintes essenciais. Serão explicados brevemente, os resultados encontrados em ambas as estruturas.

Primeira Estrutura(Constituintes Essenciais)
<ul style="list-style-type: none"> • Sentimentos de Culpabilização/ Autorresponsabilização • Estratégias de Evitamento • Medo de ser desacreditada pelos outros • Não conseguir lidar com a Experiência • Sentimento de que a experiência influenciou a sua vida • Apoio de um Profissional visto como benéfico para lidar com a experiência

Tabela 1- Constituintes Essenciais da Primeira Experiência

Todas as Cinco Participantes do Sexo Feminino, mencionaram não conseguir lidar com a experiência após a mesma acontecer, referindo que, se sentiram culpadas ou responsáveis de alguma forma, pois sentem que deveriam ter percebido ou impedido o sucedido. Estas participantes, sentiam medo de ser desacreditadas pelos seus colegas e amigos, o que levou a que não reportassem o assédio à faculdade ou às autoridades, com medo de represálias. Para lidarem com a experiência, todas mencionaram o uso de estratégias de evitamento, como faltar às aulas, deixar de

frequentar festas universitárias, não utilizar um tipo de roupa ou até mesmo, a transferência para outra faculdade. As participantes afirmaram que, esta experiência acabou por ter influência na sua vida, o que levou a que considerassem, o apoio de um profissional da área da Saúde Mental, como benéfico para lidarem com a mesma.

Segunda Estrutura (Constituintes Essenciais)
<ul style="list-style-type: none"> • Tentativa de demonstrar que não se sente afetado pela experiência • Receio de ser descredibilizado por ter fama com raparigas • Estratégias de Confrontação e Evitamento para lidar com a Experiência • Culpabilização por não lidar com a experiência como era esperado • Sente que a experiência não influenciou a sua vida • Não tem necessidade de Apoio de um Profissional para lidar com a Experiência

Tabela 2- Constituintes Essenciais da Segunda Experiência

O Participante do Sexo Masculino salienta que, tentou demonstrar que não se sentia afetado pelos comportamentos inadequados da colega que o assediava, uma vez que, os seus amigos se encontravam no local. Refere que utilizou primeiramente, o confronto para lidar com a colega, mas

como não foi bem-sucedido, começou a evitar a mesma, durante o período escolar. Este participante salienta que, se sentiu culpado por não conseguir lidar com a experiência, como seria esperado para um homem, afirmando que sentia receio que não acreditassem na sua palavra, por ter fama com raparigas no secundário. Contudo, menciona que sente que esta experiência não influenciou a sua vida, pois continua a gostar de estar com raparigas e por esse motivo, afirma não precisar de apoio de um profissional da área da Saúde Mental, para lidar com a experiência.

DISCUSSÃO

O objetivo deste estudo, consistiu em perceber de que forma, é que os estudantes universitários portugueses, experienciam o assédio sexual em contexto académico. Através dos resultados obtidos, encontramos Duas Estruturas Gerais da Experiência de Assédio Sexual, sendo que a primeira estrutura, é comum a cinco participantes do Sexo Feminino e é composta por seis constituintes essenciais e a segunda estrutura, é referente ao participante do Sexo Masculino e engloba também seis constituintes.

Na primeira estrutura, todas as participantes afirmaram, sentirem-se culpadas ou responsáveis pelo o assédio, o que vai ao encontro, do que já foi mencionado em

estudos anteriores , com estudantes, que foram vítimas de assédio dentro da faculdade (Huerta, Cortina, Pang, Torges, & Magley, 2006; Ho, Bellefontaine, & Irving, 2012). Adicionalmente, os autores Holman & Silver (1998), relacionam ainda, os níveis mais elevados de culpabilização, após o assédio, com uma maior dor a nível psicológico e também, com uma maior probabilidade de revitimização no futuro (Holman & Silver, 1998).

O medo de ser desacreditado pelos outros foi, um outro constituinte, mencionado pelas participantes, que vai ao encontro da literatura. Estas participantes afirmaram, ter receio que não acreditassem na sua palavra ou não dessem a devida importância à sua experiência, o que levou a que não reportassem o sucedido, à faculdade ou às autoridades.

Este constituinte, parece ir ao encontro, do conceito de Traição Institucional, (Smith & Freyd, 2013), uma vez que, as participantes optaram por não reportar à Instituição, por medo, que o estabelecimento não tomasse providências ou não acreditasse na sua versão, o que pode contribuir, para o aumento da sensação de insegurança, dentro faculdade, e também, para o crescimento do sentimento de traição, devido à crença que a faculdade não vai ficar do seu lado e nada vai fazer para ajudar (Smith & Freyd, 2013).

Além do mais, o facto de as participantes, escolherem não reportar, pode estar ainda relacionado, com o a falta de conhecimento de recursos especializados dentro da Universidade, para lidar com casos de assédio, mas pode também, estar associado aos sentimentos de culpabilização e de responsabilização já mencionados, o que é semelhante aos resultados encontrados no estudo de Holland & Cortina(2017), que refere que as participantes não reportaram, pois não sabiam que recursos a faculdade tinham disponíveis, para casos de violência sexual mas, sentiam-se igualmente, culpadas e envergonhadas pelo o que tinha acontecido (Holland & Cortina, 2017).

Relativamente ao tipo de estratégias utilizadas para lidar com o assédio, verificou-se que todas as participantes utilizaram Estratégias de Evitamento, como forma de lidar com a pessoa que as assediou. Uma vez mais, os resultados vão ao encontro, ao que foi mencionado no estudo McKinney, Olson, & Satterfield (1988), onde se constatou que, as estratégias mais comuns, eram a mudança de curso, desistir da cadeira ou a saída do estabelecimento de ensino, como forma de terminar o assédio (McKinney, Olson, & Satterfield, 1988). Assim como no estudo de Reilly, Lott, & Gallogly (1986), as repostas menos usadas por estas participantes, eram fazer queixa do agressor

e confrontá-lo, como forma de terminar a experiência (Reilly, Lott, & Gallogly, 1986).

Podemos ainda relacionar o facto, de as participantes sentirem que não conseguem lidar com a experiência com as estratégias de evitamento, uma vez que, como a pessoa que as assedia é alguém que elas conhecem ou confiam, isso pode contribuir para a utilização deste tipo de estratégias, que são utilizadas, de uma forma mal adaptativa, dado que, as participantes optaram por evitar a pessoa e a situação, acabando depois, por não reportar o assédio. Importa ainda mencionar que, como o assédio foi perpetrado por alguém que é conhecido das participantes, isso leva a que, o mesmo seja mais danoso, e por consequência, mais difícil de lidar e ultrapassar, o que vai ao encontro, da Teoria do Trauma proposta por Freyd (Freyd, 1994).

As cinco participantes salientaram ainda que, sentiram que a experiência influenciou a sua vida. Este constituinte pode ser explicado, pelo facto de as participantes mudarem a sua rotina, devido ao que lhes aconteceu e também porque a pessoa que as assediou, é alguém com quem lidam diariamente, o que contribui, tal como sugerem Rosenthal, Smidt e Freyd (2016), para que as participantes não usufruam da experiência universitária e se sintam

inseguras dentro da faculdade (Rosenthal, Smidt, & Freyd, 2016).

Por último, as cinco participantes referem, considerar o apoio de um profissional, como algo benéfico para lidar com a experiência, o que vai no mesmo sentido do estudo de Artime e Buchholz (2016) com funcionários dos centros de crise dentro das faculdades, que revela que, uma grande parte dos estudantes, que eram vítimas de violência sexual recorriam aos serviços da faculdade, que providenciavam tratamento imediato, logo após a situação de violência ter ocorrido. Além disso, estes funcionários salientaram que, o Aconselhamento era o mais eficaz e mais utilizado, em casos de violência sexual, seguido de Acompanhamento Psicológico, o que revela a importância de um acompanhamento especializado para lidar com este tipo de situações (Artime & Buchholz, 2016).

Em suma, todos os constituintes mencionados na primeira estrutura da experiência, vão ao encontro do que já foi documentado em outros estudos com vítimas de violência sexual num contexto académico.

Relativamente à segunda estrutura, que diz respeito ao único participante do sexo masculino, podemos verificar uma outra forma de experienciar o assédio.

Este participante afirma que, tentava demonstrar que não se sentia afetado pelos comportamentos inadequados da colega, isto porque, os seus amigos estavam presentes quando ocorriam algumas das situações. Esta tentativa de demonstrar que não sente incomodado com a situação, pode ser explicada com o estudo dos autores Berdahl, Magley, e Waldo (1996), que demonstra que, os homens que reportam ser assediados, têm uma maior probabilidade de serem gozados, por terem comportamentos que se desviam, do que é considerado masculino ou que são associados a traços ou comportamentos, vistos como femininos, pela sociedade (Berdahl, Magley, & Waldo, 1996).

Assim, este participante, começa por utilizar Estratégias de Confrontação para lidar com a colega, mas como não surte o efeito desejado, leva a que o mesmo a comece a evitar, o que foi semelhante ao que as participantes do sexo feminino fizeram. No entanto, após o uso do evitamento, o mesmo sente-se culpado por não conseguir lidar, com o assédio, como seria esperado para um homem, o que também pode ser explicado por Berdahl e colegas (1996), que mencionam, que os homens podem considerar, os comportamentos de assédio perpetrados pelas mulheres, como sendo menos sérios, benignos ou até bem vindos (Berdahl,

Magley, & Waldo, 1996), logo, não conseguir lidar com estes comportamentos, pode ter levado o participante a sentir-se culpado.

O participante 3 salienta ainda que, sente que as outras pessoas não iriam acreditar na sua palavra, porque tinha fama com raparigas durante o secundário, o que leva depois, a que não reporte o sucedido à faculdade. Segundo os autores Waldo, Berdahl e Fitzgerald (1998), constatou-se que, os homens avaliavam os comentários sexuais que lhes eram dirigidos, como sendo, menos perturbadores do que a atenção sexual indesejada (Waldo, Berdahl, & Fitzgerald, 1998), o que pode ser uma das causas, que levou o participante a sentir que não iam acreditar em si e consequentemente, a não reportar o assédio.

Por último, o participante do sexo masculino, salienta, contudo, que sente que esta experiência não teve qualquer influência na sua vida, pois, continua a gostar de estar com raparigas e por esse motivo, refere que não precisa de apoio de um profissional. O que é mencionado pelo participante pode, mais uma vez, estar relacionado com o facto de ser muito difícil para os homens reportar que são vítimas de assédio, sem serem gozados, em especial por outros homens, uma vez que, o assédio

perpetrado por mulheres é muitas vezes, visto, como sendo menos sério.

No entanto, segundo Studzinska e Hilton (2016), o assédio sexual nos homens é um problema cada vez mais frequente do que era pensado pois, são cada vez mais, os homens que reportam ser assediados, em diferentes contextos (Studzinska & Hilton, 2016), sendo por isso pertinente, tentar perceber mais sobre este assunto.

Durante a análise dos resultados deste estudo, verificámos, que parece existir uma diferença no modo, como a experiência é percebida, consoante, o género do participante.

Podemos constatar que, as participantes do sexo feminino experienciaram o assédio, de uma forma semelhante, enquanto, o participante do sexo masculino demonstrou perceber a experiência, de uma forma distinta. Estes resultados, parecerem ir ao encontro do que foi mencionado, no estudo realizado por Powell (1986), que revelam existência de diferenças de género, na percepção de comportamentos, que são considerados como assédio. Segundo este autor, as participantes do Sexo Feminino eram mais rápidas a definir determinados comportamentos como, sendo assédio sexual, mesmo aqueles que eram considerados inofensivos do que os homens, demonstrando assim, uma diferença na forma como o assédio é

percecionado, consoante o género (Powell, 1986). Também um estudo mais recente realizado por Ekore(2012) com estudantes universitários, revelou resultados semelhantes, onde as mulheres mais uma vez, consideravam assédio comportamentos como piadas, olhares ou comentários, enquanto os homens, não viam esses comportamentos, como tal, referindo que as mulheres eram muito rápidas a rotular os comportamentos como ofensivos (Ekore, 2012).

É importante salientar, contudo, que devido ao facto de neste estudo, a maioria dos participantes serem mulheres, não podemos inferir, com certeza, que exista de facto, uma diferença de géneros, na forma como o assédio é experienciado, sendo por isso, importante, realizar um estudo com um maior número de participantes, onde ambos os géneros estejam representados da mesma forma.

Limitações e Estudos Futuros

As limitações deste estudo, prendem-se com o facto de o número de participantes ser bastante reduzido e de existir em maior número, participantes do Sexo Feminino e apenas um do Sexo Masculino, o que demonstra que em estudos futuros, é de extrema importância, existir um maior número de participantes e uma maior

homogeneidade de amostra. Além disso, o facto de as entrevistas terem sido respondidas *online*, é uma limitação, uma vez que, não permitiu falar presencialmente com os participantes e conduzir a entrevista, de uma outra forma, em que se conseguisse obter respostas mais completas a algumas das questões.

Relativamente a propostas para estudos futuros, parece-nos de extrema importância, a realização de estudos qualitativos com estudantes universitários em Portugal sobre questões de violência sexual dentro da faculdade, especificamente sobre o assédio sexual, dado que, os estudos são praticamente inexistentes. Parece ainda pertinente, antes de mais, tentar saber se existem em Portugal, recursos disponíveis dentro das faculdades, para lidar com casos de violência sexual e se sim, se os mesmos são divulgados, se são eficazes e se tem profissionais da área da Saúde Mental treinados.

Por último, ao longo deste estudo, deparamo-nos com a subjetividade dos comportamentos que os participantes consideravam como sendo Assédio, e parece-nos relevante no futuro, a realização de um estudo, que tenha como objetivo, perceber o que é o assédio sexual para cada uma das pessoas inquiridas e tentar perceber o porquê, de determinados comportamentos

serem percebidos, como assédio, para aquela pessoa.

CONCLUSÃO

Em suma, podemos concluir que, os estudantes universitários portugueses são assediados em contexto universitário, especialmente por colegas de curso, demonstrando, no entanto, diferentes formas de experienciar o assédio, o que levou à criação de duas estruturas diferenciadas da mesma experiência, que poderão estar relacionadas, com uma questão de género.

REFERÊNCIAS

- Artime, T., & Buchholz, K. R. (2016). Treatment for Sexual Assault Survivors at University Counselling Centers. *Journal of College Student Psychotherapy*, 252-261.
- Benson, D., & Thompson, G. (1982). Sexual Harassment on a University Campus: The Confluence of Authority Relations, Sexual Interest and Gender Stratification. *Social Problems*, 236-251.
- Berdahl, J., Magley, V., & Waldo, C. (1996). The Sexual Harassment of Men?: Exploring the Concept With Theory and Data. *Psychology Of Women Quarterly*.
- Cleary, J., Schmieler, C., Parascenzo, L., & Ambrosio, N. (1994). Sexual Harassment Of College Students: Implications For Campus Health Promotion. *Journal Of American College Health*.
- Cochran, C., Frazier, P., & Olson, A. (1997). Predictors Of Responses to Unwanted Sexual Attention. *Psychology Of Women Quarterly*, 207- 226.
- Cortina, L., Swan, S., Fitzgerald, L., & Waldo, C. (1998). Sexual Harassment and Assault: Chilling the Climate For Women in Academia . *Society For The Psychology of Women*.
- EEOC. (2018, Dezembro 20). *Sexual Harassment*. Retirado de U. S. Equal Employment Opportunity Commission: https://www.eeoc.gov/laws/types/sexual_harassment.cfm
- Ekore, J. (2012). Gender Differences in Perception Of Sexual Harassment Among University Students. *Gender & Behaviour*, 4470-4480.
- Freyd, J. (1994). Betrayal Trauma: Traumatic Amnesia as an Adaptive Response to Childhood abuse. *Ethics & Behaviour*, 307-329.
- Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia* . Lisboa: Fim de Século Edições .
- Ho, I., Bellefontaine, S., & Irving, A. (2012). Sexual Harassment and Posttraumatic Stress Symptoms among Asian and White Women. *Journal Of Aggression, Maltreatment & Trauma*.
- Holland, K., & Cortina, L. (2017). " It Happens to Girls All the Time" Examining Sexual Assault Survivors' Reasons for Not Using

- Campus Supports. *Society for Community Research and Action*.
- Holman, E., & Silver, R. C. (1998). Getting "stuck" in the past: Temporal Orientation and coping with trauma. *Journal of Personality and Social Psychology*.
- Huerta, M., Cortina, L., Pang, J., Torges, C., & Magley, V. (2006). Sex and Power in The Academy: Modeling Sexual Harassment In The Lives Of College Women. *Society For Personality And Social Psychology*.
- Jornal Diário de Notícias. (2019, Janeiro 31). *Assédio Sexual no Contexto Académico de Coimbra*. Retirado de Diário de Notícias: <https://www.dn.pt/portugal/interior/estudo-revela-assedio-sexual-em-grande-escala-no-contexto-academico-de-coimbra-9368419.html>
- Langdrige, D. (2007). *Phenomenological Psychology: Theory, Research and Method*. England: Pearson Education Limited.
- McKinney, K., Olson, C., & Satterfield, A. (1988). Graduate Student's Experiences With and Responses to Sexual Harassment. *Journal Of Interpersonal Violence*.
- PGDL. (2019, Abril 3). *Legislação*. Retirado de Procuradoria- Geral Distrital de Lisboa : <http://www.pgdlisboa.pt/leis/>
- Powell, G. (1986). Effects of Sex Role Identity and Sex Definitions of Sexual Harassment. *Sex Roles*.
- Reilly, M., Lott, B., & Gallogly, S. (1986). Sexual Harassment of University Students. *Sex Roles*.
- Romito, P., Cedolin, C., Bastiani, L., & Cubizolles, M. (2017). Sexual Harassment and Menstrual Disorders Among Italian University Women: A Cross- Sectional Observational Study. *Scandinavian Journal Of Public Health*.
- Rosenthal, M., Smidt, A., & Freyd, J. (2016). Still Second Class: Sexual Harassment of Graduate Students. *Psychology Of Women Quarterly*.
- Smith, C., & Freyd, J. (2013). Dangerous Safe Heaven: Institucional Betrayal Exacerbates Sexual Trauma. *Journal Of Traumatic Stress*.
- Studzinska, A., & Hilton, D. (2016). Minimization Of Male Suffering: Social Perception Of Victims And Perpetrators Of Opposite- Sex Sexual Coercion. *Sexuality Research and Social Policy*.
- Till, F. (1980). *Sexual Harassment: A Report on the Sexual Harassment Of Students*. United States : National Advisory Council on Women's Educational Programs.
- Van Roosmalen, E., & McDaniel, S. (1999). Sexual Harassment in Academia: A Hazard to Women's Health. *Women & Health*.
- Waldo, C., Berdhal, J., & Fitzgerald, L. (1998). Are Men Sexually Harassed? If So, by Whom? *Law and Human Behavior*.
- Yoon, E., Funk, R., & Kropf, N. (2010). Sexual Harassment Experiences and Their Psychological Correlates Among Diverse Sample of College Women. *Journal Of Women and Social Work*.

ANEXOS

Anexo 1- Revisão de Literatura

Definição de Assédio Sexual

Segundo Quina & Carlson (1989), o termo Assédio Sexual, é aplicado a uma variedade de comportamentos sexuais abusivos, que geralmente, não envolvem violência física.

Com este tipo de comportamentos, a pessoa que assedia, domina as suas vítimas, através do poder económico ou social, que exercer sobre as mesmas (Quina & Carlson, 1989).

Segundo os autores Gelfand, Fitzgerald e Drasgow (1995), o assédio sexual pode ser dividido em três dimensões, sendo estas: Discriminação de Género, cuja a finalidade não é sexual, mas sim, o uso de atitudes degradantes, hostis e insultuosas em relação, a grupos considerados minoritários, onde se inserem as mulheres. Este tipo de discriminação engloba vários comportamentos verbais e não verbais; Atenção Sexual Indesejada, que envolve comportamentos como, convites para encontros indesejados, cartas e telefonemas intrusivos, toques, apalpões, imposições sexuais e abuso. A atenção sexual indesejada é a dimensão mais considerada, como sendo assédio. Por último, a Coerção Sexual, é geralmente, associada ao assédio no local de trabalho, e refere-se, a subornos ou ameaças, explícitas ou subtile, relacionadas com cooperação sexual, de modo a que a pessoa que é assediada, possa obter benefícios no trabalho em troca de algum favor (Gelfand, FitzGerald, & Drasgow, 1995).

Em Portugal, o Assédio Sexual, é definido pela Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, como “todo o comportamento indesejado de carácter sexual, sob forma verbal, não verbal ou física, com o objetivo ou o efeito de perturbar ou constranger a pessoa, afetar a sua dignidade, ou de lhe criar um ambiente intimidativo, hostil, degradante, humilhante ou desestabilizador” (CITE, 2018). Segundo, a Comissão de Igualdade de Oportunidades e Emprego nos Estados Unidos (EEOC), o assédio sexual, engloba comportamentos como, a tentativa de violação ou violação; pressão indesejada para realizar favores sexuais; telefonemas, mensagens, cartas ou material de natureza sexual; pressão indesejada para ir a encontros; tornar discussões de trabalho em tópicos de natureza sexual; insinuações ou histórias sexuais; *Catcalling*; comentários sexuais sobre a anatomia ou forma da pessoa estar vestida; espalhar

rumores ou mentiras sobre a vida sexual da pessoa; abraçar, beijar ou tocar na pessoa sem consentimento da mesma, entre outros (EEOC, 2018).

Em geral, as vítimas de assédio, estão inseridas em grupos considerados minoritários, como por exemplo, as mulheres que trabalham em empregos vistos como masculinos, minorias raciais e minorias sexuais, como pessoas com uma orientação sexual diferente (Quina & Carlson, 1989) Também os estudantes e os funcionários das faculdades, podem ser considerados grupos vulneráveis, uma vez que, podem estar sujeitos, de uma forma constante, a contacto físico, por alguém que é seu superior hierárquico e são obrigados a lidar com estes comportamentos, da forma mais pacata possível, como se nada se tivesse passado. Nestes casos, as pessoas que são assediadas, podem não ver outra alternativa, senão fazer, o que lhes foi exigido, pois a outra pessoa, encontra-se numa posição hierárquica superior à sua (Quina & Carlson, 1989).

A Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência contra as Mulheres e à Violência Doméstica (“Convenção de Istambul”), define no *Artigo 40º*, o Assédio Sexual, como “comportamento indesejado de caráter sexual, sob forma verbal, não verbal ou física, com o intuito ou efeito de violar a dignidade de uma pessoa, em particular quando cria um ambiente intimidante, hostil, degradante, humilhante e ofensivo” (Nóbrega, 2016), o que vai ao encontro da definição da Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

Em Portugal, só recentemente se começou a encarar o Assédio Sexual, como um problema sério e apesar de ainda não ser considerado crime, encontra-se integrado dentro do *Artigo 170º* do Código Penal Português, Importunação Sexual, que refere que:

“Quem importunar outra pessoa, praticando perante ela atos de carácter exibicionista, formulando propostas de teor sexual ou constringendo-a a contacto de natureza sexual, é punido com pena de prisão até 1 ano ou com pena de multa até 120 dias, se pena mais grave não lhe couber por força de outra disposição legal.” (Artigo 170º)

Como podemos verificar, o assédio sexual, ainda não é considerado um crime independente e parte-se do pressuposto, que engloba situações onde exista exibicionismo, verbalizações com algum tipo de teor sexual e contacto físico com a pessoa. Contudo, sabemos que hoje em dia, as mulheres portuguesas têm uma maior perceção do que é assédio e conseguem identificar comportamentos que se identificam como tal, em vários contextos.

Assédio Sexual em Contexto Universitário

Atualmente, devido aos vários casos de Assédio Sexual que se tornaram públicos, nas Universidades dos Estados Unidos, o assédio sexual tem sido um tema, cada vez mais debatido. Contudo, pouco ainda, se conhece sobre o assédio num contexto académico. Segundo Rapidah, Shafini, Khalid, Masliza, Nurulnadwan (2017), o assédio sexual no *Campus* Universitário é algo prevalente a nível mundial, apesar do mesmo, até recentemente, não ter sido reconhecido como tal (Rapidah, Shafini, Khalid, Masliza, & Nurulnadwan, 2017).

Assim, torna-se duvidoso, tentar perceber se os casos de assédio foram desprezados pelas faculdades, ao longo dos anos, ou se por outro lado, foram resolvidos, de uma forma silenciosa, despedindo os professores e outros funcionários que tenham sido acusados de assédio ou silenciando as vítimas que reportaram (Rapidah, Shafini, Khalid, Masliza, & Nurulnadwan, 2017).

Segundo Till(1980), o assédio sexual académico é o “uso de autoridade para enfatizar a sexualidade ou a identidade sexual de um estudante de uma maneira na qual impede ou prejudica o estudante de desfrutar os benefícios educacionais, climáticos ou oportunidades (Till, 1980). Esta definição, parte do pressuposto, que os estudantes só podem ser assediados por figuras de autoridade. No entanto, outros estudos, mais recentes, têm demonstrado que uma percentagem substancial de estudantes universitárias é assediada por colegas de curso (Reilly, Lott, & Gallogly, 1986).

Segundo Wilson(2000),os comportamentos de assédio são conscientemente ou inconscientemente, uma tentativa de o agressor reforçar o seu poder, sobre quem está a ser assediado (Wilson, 2000). A autoconfiança do estudante, é assim, determinada pela pessoa que está a assediar, pois na grande parte dos casos, o assédio não pode ser provado, uma vez que, é a palavra de um contra o outro. Além do mais, como a pessoa que está a assediar, tem muito a perder do que o estudante, como o respeito e a confiança dos membros do corpo estudantil, mas também, a sua posição na faculdade, existe uma maior probabilidade, de acreditarem na sua versão (Wilson, 2000).

O assédio sexual, pode ser particularmente *stressante* durante os anos universitários, uma vez que, as estudantes estão num período crítico do seu desenvolvimento pessoal e profissional, e

o assédio poderá ter interferência nas tarefas do seu desenvolvimento, ameaçando a sua educação, carreira e aproveitamento (Huerta, Cortina, Pang, Torges, & Magley, 2006).

A existência de estruturas de poder, onde o homem está a acima da mulher e o poder dos professores é superior aos dos estudantes, levou a um aumento da violência contra as mulheres e da sua vulnerabilidade (Reilly, Lott, & Gallogly, 1986; Valls, Puigvert, Melgar, & Garcia-Yeste, 2016).

Nos estudos realizados, ao longo dos últimos anos, tem-se verificado que as estudantes universitárias reportam ser assediadas por professores, colegas e outros funcionários que fazem parte do corpo estudantil (Smidt, & Freyd, 2016; Rapidah, Shafini, Khalid, Masliza, & Nurulnadwan, 2017). Sendo que, algumas estudantes, reportam também ser assediadas durante os estágios académicos, pelos seus superiores e colegas (Babaria, Abedin, Berg, & Nunez-Smith, 2012). Tal foi verificado, numa investigação feita com estudantes de Medicina, que se encontravam a estagiar, onde as mesmas afirmaram, serem assediadas, não só por pacientes do sexo masculino durante as consultas, mas também, por membros da sua equipa, que faziam comentários sexuais, lhes tocavam de forma inapropriada e faziam solicitações ao longo do ano. Contudo, os casos acabaram por não ser reportados, devido ao medo de represálias (Babaria, Abedin, Berg, & Nunez- Smith, 2012).

No estudo de Rapidah e colaboradores (2017) com estudantes universitárias na Malásia, constatou-se que, mais de metade das estudantes, que participaram no estudo foram assediadas, sendo que os professores, eram quem mais assediava, seguidos de outros membros da faculdade, e dos colegas. Estas participantes, mencionaram ter sido assediadas pelo menos uma vez, e não sabiam, qual a política da faculdade, relativamente a casos de assédio sexual. A forma mais experienciada de assédio era comportamentos ofensivos, que englobavam, histórias ou piadas sexuais, consideradas insultuosas (Rapidah, Shafini, Khalid, Masliza, & Nurulnadwan, 2017).

Também Rosenthal, Smidt e Freyd (2016), verificaram que, mais de um terço das estudantes universitárias, tinham sido assediadas por um professor ou um membro da faculdade e mais de metade, tinham sido assediadas por colegas. Estas estudantes reportaram, ter sido vítimas de comportamentos como, abuso sexual, perseguição ou violência no namoro. É ainda salientado, que também, 45% dos estudantes do Sexo Masculino reportaram ter sido assediados na

faculdade. Segundo estas autoras, as participantes inquiridas, que já tinham sofrido, uma experiência prévia de assédio dentro da faculdade, afirmavam que, sentiam uma diminuição do sentimento de segurança dentro do estabelecimento de ensino. (Rosenthal, Smidt, & Freyd, 2016).

O facto, de as participantes serem assediadas por membros da faculdade, é um preditor significativo, para o sentimento de traição, a nível da instituição, o que vai ao encontro da Teoria do Trauma, proposta por Freyd (1994), que defende que, o abuso é mais danoso para quem o experiencia, se for praticado, por uma pessoa que é próxima ou da qual se está dependente, o que leva, a que a pessoa se sinta traída e insegura, quando é vítima de assédio por alguém da sua confiança ou do qual depende, para alcançar os seus objetivos (Freyd, 1994; Rosenthal, Smidt, & Freyd, 2016).

Logo, qualquer forma de assédio sexual, dentro da Universidade, pode ser reveladora de falhas na capacidade do estabelecimento, em proteger os seus estudantes, pois, quando o assédio é praticado por um membro da faculdade, o mesmo, está mais fortemente associado à Traição Institucional para os alunos, devido à dependência que estes, têm dos professores (Rosenthal, Smidt, & Freyd, 2016).

Devido ao sentimento de traição, que é várias vezes mencionado por os estudantes, surge o conceito de Traição Institucional, usado por Smith e Freyd (2013), que é conceptualizado, como uma transgressão, onde a instituição falha em proteger os seus membros, ou falha, em responder de uma forma solidária, aos estudantes a que foram causados algum tipo de danos, dentro da faculdade, por exemplo, minimizando ou negando que o assédio aconteceu dentro do *Campus* (Smith & Freyd, 2013).

Ainda com base, no estudo destes dois autores, verificou-se que, as estudantes que reportaram ser vítimas de algum tipo de assédio, afirmaram sentir-se traídas pela instituição, pois sentiam que, existiam falhas a nível da prevenção e da resposta ao assédio, bem como, retaliação aos sobreviventes, que decidiram reportar (Smith & Freyd, 2013). Devido à prevalência elevada destes tipos de traição, os estudantes podem perceber, que apresentar uma queixa sobre violência sexual pode não ser viável (Smith & Freyd, 2013; Rosenthal, Smith, & Freyd, 2017), o que leva a que, o assédio académico pareça algo comum e difícil de reportar (Smith & Freyd, 2013; Rosenthal, Smith, & Freyd, 2017).

Alguns estudantes, sentem também que, as faculdades parecem proteger os membros do estabelecimento de ensino, que tem uma relação mais duradoura com mesmo, do que os alunos que são mais recentes. Os estudantes salientam que temem, que a faculdade rejeite uma queixa feita contra um membro do seu estabelecimento (Rapidah, Shafini, Khalid, Masliza, & Nurulnadwan, 2017), referindo que, tem receio de ser desonrados e sentem medo, porque o agressor, é alguém que pertence à faculdade e têm o poder de aprovar ou reprovas as suas notas (Rapidah, Shafini, Khalid, Masliza, & Nurulnadwan, 2017).

Cantalupo (2012), identifica nove tipos de respostas institucionais, que refletem, de forma deliberada, a indiferença aos depoimentos das vítimas de violência sexual, sendo estas, não fazer qualquer tipo de ação, recomendar que a vítima não conte o incidente a mais ninguém, incluindo os pais e a polícia; e esperar para investigar a queixa ou investigar a queixa, de forma lenta, levando meses ou anos, para que a sobrevivente receba alguma novidade(Cantalupo, 2012), o que pode obrigar a vítima a desistir de reportar o assédio.

Também os Funcionários dos Centros de Crise, revelam alguns fatores que consideram cruciais, para que os estudantes confessem a alguém o assédio. Os funcionários defendem que o estudante deve ser tratado com respeito e a confidencialidade, deve ser garantida quando apresentar queixa; deve existir alguém de confiança com quem possam desabafar e a própria Universidade, deve ter profissionais treinados para lidar com casos de violência sexual e usufruir de um plano de resposta, que seja compreensivo e claro (Strout, Amar, & Astwood, 2014).

Como é visível, também os funcionários da faculdade, podem ser uma fonte de informação importante, sobre como a violência sexual no *Campus* afeta os membros comunidade, sem ser as vítimas, os agressores e as testemunhas (Rosenthal, Smith e Freyd, 2017).

Segundo Rosenthal, Smith e Freyd, (2017) verificou-se, que os funcionários estão conscientes e são impactados por os casos de assédio sexual mais mediáticos. Através das respostas dadas aos casos de assédio, a Faculdade está a comunicar aos seus colaboradores, os seus valores e prioridades, o que pode levar a que, os funcionários se sintam traídos, fazendo com, que existia uma diminuição da ligação ao estabelecimento de ensino. Verificou-se que, os funcionários que estavam mais ligados à faculdade, perdoam mais facilmente a instituição. Contudo, nos funcionários mais recentes e com uma menor ligação, o perdão era menos provável (Rosenthal, Smith, &, Freyd, 2017).

Relativamente, aos protocolos das Universidades Americanas para lidar com a violência sexual dentro do *Campus*, constatou-se que uma grande parte das universidades, aposta numa Cultura de Prevenção e resposta à violência sexual, sendo que, várias faculdades referem ter um sistema de resposta, que funciona 24 horas por dia, funcionários dedicados para lidar com a situação, uma equipa de resposta para ajudar os sobreviventes de violência sexual e uma força de intervenção, que revê as políticas e as respostas dadas, de uma forma regular. Foi ainda referido, que é realizado, um treino com novos estudantes nas semanas de orientação em algumas das faculdades, que tem como objetivo avisá-los relativamente, aos os membros das Fraternidades e aos atletas (Amar, Strout, Simpson, Cardiello, & Beckford, 2014).

Em investigações realizadas em Fraternidades, com estudantes dos Estados Unidos e com estudantes Ingleses, verificou-se que, as dinâmicas sexistas, que são criadas nestes contextos, influenciam as crenças e atitudes, que os estudantes masculinos têm em relação às mulheres. Levando assim, a uma correlação entre a aceitação de mitos sobre a violação e violência contra as mulheres. Em simultâneo, ser membro, de uma destas organizações pode levar a um comportamento sexista, como modelos extremos de masculinidade tradicional ou hipermasculinidade, relacionados, com a normalização e permissividade de comportamentos violentos e agressão sexual às mulheres (Boeringer, 1999; Valls, Puigvert, Melgar, & Garcia-Yeste, 2016).

No entanto, outros investigadores, notaram que, nem todos os homens que pertencem a fraternidades, desenvolvem atitudes negativas relativamente ao Sexo Feminino e que o comportamento pejorativo, em relação às mulheres não é promovido em todas as fraternidades (Boswell & Spade, 1996; Valls, Puigvert, Melgar, & Garcia- Yeste, 2016).

Além disso, o desenvolvimento de atitudes sexistas e violentas em relação ao Sexo Feminino, não está diretamente relacionado com as fraternidades, mas relacionado, com a existência de determinados padrões de comportamento e normas reguladoras relacionadas, com as relações sexuais entre homens e mulheres, que favorece a atmosfera de violência e agressão sexual (Flecha, Puigvert, & Ríos, 2013; Valls, Puigvert, Melgar, & Garcia- Yeste, 2016).

As dinâmicas permissivas, onde existe respeito pela violência, contribuem para a criação de um contexto de hostilidade, que levou algumas vítimas a culparem-se por terem provocado estas situações (Gross, Winslett, Roberts, & Gohm, 2006; Valls, Puigvert, Melgar, & Garcia- Yeste,

2016). Uma outra explicação, para a violência dentro do *Campus* Universitário, está relacionada, com a naturalização da violência nas relações e da caracterização da violência, apenas, como envolvendo agressões físicas, por exemplo, para ser considerado violação, o agressor deve ter completado o ato sexual com penetração, e a vítima deve ter sofrido violência física às mãos do agressor (Gross, Winslett, Roberts, & Gohm, 2006; Valls, Puigvert, Melgar, & Garcia- Yeste, 2016). Importa também referir que, nem todos os membros da comunidade universitária consideram como formas de violência, beijos indesejados, toques ou relações sexuais sem consentimento, (Kalof, Eby, Matheson, & Kroska, 2001; Valls, Puigvert, Melgar, & Garcia- Yeste, 2016).

Relativamente às Penas de Prisão, para o assédio em contexto académico, verificou-se que os tipos de comportamentos considerados, como assédio (comentários sobre o corpo de outrem ou toques indesejados), não eram percecionados, como sendo algo, que requer uma pena elevada de castigo (Cummings & Armenta, 2002). Uma desculpa escrita para a vítima, foi percecionada como a forma mais apropriada de castigo, seguida de, não ter qualquer tipo de castigo, ter uma reprimenda por escrito, terapia, suspensão ou expulsão (Cummings & Armenta, 2002)

No geral, os estudantes, acreditavam que o assédio físico era mais punível, do que o assédio verbal. Os agressores masculinos tinham uma maior probabilidade de receber todas as formas de castigo, com exceção da expulsão (Cummings & Armenta, 2002).

Tendo em conta o que foi referido, e também segundo, a EEOC (2018), um dos preditores do assédio sexual parece ser o género. Apesar de existir, um aumento do número de homens a apresentar queixa, as mulheres continuam a ser o alvo mais comum e os homens continuam a ser quem mais assedia (EEOC, 2018).

Segundo Kalof, Eby, Matheson e Kroska (2001), apesar das mulheres reportarem o assédio sexual com mais frequência que os homens, os mesmos, estão a experienciar comportamentos que são indicativos de assédio sexual, mais frequentemente, do que é percecionado. Existe também evidência, que tanto os homens como as mulheres, que reportam ser assediados por um professor, não percecionam as suas experiências, como sendo assédio sexual (Kalof, Eby, Matheson, & Kroska, 2001). No estudo realizado por estes autores, constatou-se que a grande maioria dos estudantes, que tinham experienciado um episódio de assédio sexual, não o tinham percecionado como tal. As explicações apresentadas, foram o facto de mulheres serem socializadas para confiar em pessoas com autoridade, diminuindo a sua habilidade ou vontade

para reconhecer os comportamentos dos professores como assédio, e também as crenças culturais, do que constitui masculinidade, como o aumento do interesse sexual, dominância sobre os outros e disputas sexuais, encorajam os homens a minimizar ou negar, que eles são alvos de atenção sexual ou de gênero (Dziech & Hawkins, 1998; Kalof, Eby, Matheson, & Kroska, 2001).

Contudo, pesquisas feitas relativamente ao gênero do agressor, descobriram que o tipo de assédio sexual e poder diferencial entre o agressor e a vítima determinam, se os agressores Femininos ou Masculinos, são vistos de forma diferente. Segundo Baird, Bensko, Bell, Viney e Woody (1995), quando a pessoa que assedia é uma mulher, a mesma é vista, de uma forma mais positiva, do que se for um homem (Baird, Bensko, Bell, Viney, & Woody, 1995; Cummings & Armenta, 2002), isto quando, o assédio cria um ambiente de trabalho considerado hostil. No entanto, parece ser pertinente investigar mais sobre este assunto, de modo a perceber, qual a influência que o gênero do agressor, tem no assédio, e no que é considerado como tal.

Também no Reino Unido, tem existido depoimentos de estudantes universitárias, que afirmam ter sido assediadas por professores e orientadores, tal como é mencionado, no Jornal *The Guardian* (2018). São vários os relatos de estudantes universitárias da Licenciatura, Mestrado e Doutorado, que reportam ter sido assediadas por orientadores, mas não contaram a ninguém, com medo das consequências. Nas Universidades Inglesas, é assinado um Acordo de Confidencialidade, entre a estudante e o professor acusado, que permite que o mesmo saia da faculdade, mas que continue a dar aulas, em outro estabelecimento, sem qualquer tipo de represália. Na maioria das situações, os orientadores praticavam comportamentos abusivos, como pedidos para ir a encontros e tentativas de começar uma relação romântica, sendo que, num dos casos, a estudante foi violada pelo orientador, quando estava embriagada. Nenhum dos casos foi reportado, por medo e pelo receio de serem desacreditadas.

Em Espanha, através de um estudo feito por Valls, Puigvert, Melgar, Garcia-Yeste (2016) numa Universidade Espanhola, verificou-se que, a grande maioria das participantes questionadas, já tinham sido vítimas de violência sexual, onde 91% menciona que não reportou e 68% menciona que contou a alguém. Cerca de 92% refere, não saber se existe um serviço para vítimas dentro da universidade e 85% salienta que, as universidades deveriam providenciar serviços a quem sofre de algum tipo de violência. Das participantes que reportaram a situação, 27% não sentiu que a universidade ficasse do lado delas e 69% diz não ter a certeza se as vítimas seriam

apoiadas pela faculdade. Os comportamentos de assédio mais reportados por estas estudantes, são comentários sexistas relativamente à capacidade intelectual das mulheres ou do seu papel na sociedade e comentários com conotações sexuais de ódio e humilhações (42%) e violência psicológica (20%). As razões explicativas para a vítima não reportar podem ser, o facto da mesma, não se sentir como vítima e também a percepção de que a faculdade não vai fazer nada (Valls, Puigvert, Melgar, & Garcia- Yeste, 2016).

No caso de Portugal, o assédio nas faculdades, ainda é um assunto pouco debatido, no entanto, com base num Estudo exploratório feito em 2017, pela Associação UMAR Coimbra (União de Mulheres Alternativa e Resposta) com estudantes, investigadoras, professoras e outras funcionárias, que fazem parte do Meio Académico de Coimbra, sobre a Violência Sexual em Contexto Académico, verificou-se que 91,4% das mulheres que foram inquiridas, reportam ter sido assediadas sexualmente, sendo que 21,7% refere ter experienciado coerção sexual e 12,3% afirmam já ter sido violadas. “Em todas as categorias de experiências sexuais indesejadas analisadas, a grande maioria das mulheres inquiridas reportou, ter sofrido estes comportamentos por parte dos indivíduos do género masculino, nomeadamente parceiros íntimos, ex-parceiros íntimos, docentes, conhecidos e superiores hierárquicos ou colegas” (UMAR, 2018). De referir ainda que, das mulheres que foram inquiridas, 18, 3% refere que houve coerção sexual em situações ligadas à faculdade, como em rituais académicos (4, 1%), grupos culturais e desportivos (3%) ou comunidades estudantis (4,7%). Ainda 1,8% diz ter sido coagida por professores e 4,7% por superiores hierárquicos ou colegas (UMAR, 2018)

Efeitos Psicológicos e Estratégias de *Coping*

Tal como nos casos de abuso sexual, também o assédio, desencadeia consequências, não só a um nível físico, mas também a um nível psicológico. Assim, ao longo dos últimos anos, já são vários os estudos, onde são reportados os efeitos psicológicos do assédio no contexto académico, tanto nas mulheres, como nos homens. Segundo Studzinska & Hilton (2016), a experiência de assédio parece ter impacto na saúde mental das pessoas que o experienciam (Studzinska & Hilton, 2016).

Assim, o assédio sexual, tem sido associado, à Perturbação de *Stress* Pós-Traumático(PTSD), estando a severidade dos sintomas, relacionada com a frequência do assédio, levando a sintomas como *flashbacks*, pesadelos e hiperatividade (Ho, Bellefontaine, & Irving, 2012).

Ho, Bellefontaine e Irving (2012), referem que, a frequência do assédio sexual estava positivamente correlacionada com a severidade dos sintomas de PTSD. Além disso, tanto frequência do assédio, como a severidade dos sintomas de PTSD, podem ser preditores de depressão, *distress* psicológico e sintomas físicos. Também a severidade dos sintomas de PTSD e raça das participantes, moderou a relação entre a frequência do assédio e as consequências físicas (Ho, Bellefontaine, & Irving, 2012).

Consistente com estes argumentos, há evidência que o assédio sexual leva, de facto, ao aumento da suscetibilidade de uma pessoa desenvolver sintomas de PTSD e a perturbação. Num estudo feito por McDermut, Haaga e Kirk (2000) com estudantes universitários da licenciatura, verificou-se que, as mulheres que tinham experienciado um assédio sexual ,mais severo, reportavam também sintomas mais severos de PTSD (McDermut, Haaga, & Kirk, 2000; Ho, Bellefontaine, & Irving, 2012).

Para além da Perturbação de *Stress* Pós-Traumático, o assédio foi também correlacionado com a depressão, ansiedade (Van Roosmalen & McDaniel, 1999; Yoon, Funk, & Kropf, 2010), sentimentos de desesperança, isolamento (Van Roosmalen & McDaniel, 1999; Yoon, Funk, & Kropf, 2010), *stress* psicológico(Ho, Bellefontaine, & Irving,2012), diminuição da autoconfiança(Benson & Thompson, 1982), emoções negativas como a raiva, o medo, a vergonha e a culpa((Huerta, Cortina, Pang, Torges, & Magley, 2006; Ho, Bellefontaine, & Irving, 2012), sintomas físicos, como a náuseas ou insónias(Ho, Bellefontaine, & Irving, 2012; Van Roosmalen & McDaniel, 1999; Yoon, Funk, & Kropf, 2010,sendo ainda encontrada, uma possível correlação com distúrbios alimentares (Huerta, Cortina, Pang, Torges, & Magley, 2006; Ho, Bellefontaine, & Irving, 2012, Harned & Fitzgerald, 2002), e com problemas menstruais, onde se verificou que as estudantes que estavam a ser assediadas na faculdade e que estavam sujeitas a níveis mais severos de assédio, reportavam, mais problemas a nível do ciclo menstrual, com maior sangramento, ciclos irregulares e mais dores (Romito, Cedolin, Bastiani, & Cubizolles, 2017). Além disso, foi ainda associado, ao medo da violação (Holgate, 1989)e ao aumento do medo do crime em geral (Junger, 1987).

A um Nível Académico, segundo Cortina, Swan, Fitzgerald e Waldo (1998), o assédio sexual tem sido visto, como um preditor de perceções mais pobres dos estudantes, relativamente à sua experiência académica. Os estudantes percecionam, uma menor justiça e igualdade dentro da faculdade, o que leva depois, a uma confiança empobrecida nas suas capacidades académicas e

a um menor respeito dentro do *Campus* (Cortina, Swan, Fitzgerald, & Waldo, 1998). No estudo realizado por estes autores, constatou-se que, as estudantes que foram assediadas, estavam menos aptas a considerar voltar para a universidade, caso o tivessem que fazer novamente (Cortina, Swan, Fitzgerald, & Waldo, 1998). Também Reilly, Lott e Gallogly (1986), referem que as estudantes assediadas, reportaram desistir das cadeiras, mudar de orientadores, mudar de curso e até desistir da faculdade, para evitar o ambiente hostil (Reilly, Lott, & Gallogly, 1986).

As descobertas deste estudo vão ao encontro, do que foi mencionado por Benson e Thompson(1982), que referiam que, o assédio pode resultar numa experiência académica disruptiva devido a mudanças no horário das disciplinas, no curso, programa, na instituição ou nas intenções de carreira (Benson & Thompson, 1982).

Os homens e as mulheres, que lidam com tipos diferentes de assédio, como discriminação de género, atenção sexual indesejada ou coação sexual, experienciaram níveis semelhantes de *distress* (Settles, Harrell, Buchanan, & Yap, 2011; Studzinska & Hilton, 2016). Segundo Bastiani, Romito, Cubizolles (2018), os estudantes masculinos afirmavam que a sua saúde não estava bem e reportavam sintomas de depressão, enquanto as estudantes femininas, reportavam sintomas de pânico (Bastiani, Romito, & Cubizolles, 2018).

Coletivamente, estes elementos desfavoráveis do assédio sexual, podem contribuir para o desenvolvimento de *Distress* Psicológico ou levar a sintomas pré-mórbidos de saúde mental. A severidade dos sintomas da Perturbação de *Stress* Pós- Traumático está positivamente associada ao bem-estar psicológico, o que é consistente, com os resultados da população americana no geral, que verificou que o PTSD nas mulheres, está ligado a um número de perturbações de saúde mental, incluindo depressão, perturbações relacionadas, com o uso de substâncias e outras perturbações de ansiedade (Kessler, Sonnega, Bromet, Hughes, & Nelson, 1996; Ho, Bellefontaine, & Irving, 2012).

O nível de *Distress* Psicológico causado pelo assédio sexual, é visível na saúde física, pois as mulheres que afirmam ser assediadas, experienciam uma quantidade de problemas somáticos, incluindo distúrbios do sono, dores de cabeça, dores nas costas e pescoço, fadiga e *distress* gastrointestinal (Cleary, Schmieler, Parascenzo, & Ambrosio, 1994; Van Roosmalen & McDaniel, 1999; Huerta, Cortina, Pang, Torges, & Magley, 2006), podendo também levar a

comportamentos não saudáveis, como perturbações alimentares (Cleary, Schmieler, Parascenzo, & Ambrosio, 1994; Huerta, Cortina, Pang, Torges, & Magley, 2006), que segundo Harned & Fitzgerald(2002), podem ser vistos, como, sendo, estratégias de *Coping* mal adaptativas, para lidar com o assédio (Harned & Fitzgerald, 2002; Huerta, Cortina, Pang, Torges, & Magley, 2006).

Relativamente, às estratégias de *Coping* utilizadas para lidar com o assédio, a forma mais comum, parece ser ignorar o comportamento da pessoa que assedia (Benson & Thompson, 1982; Cochran, Frazier, & Olson, 1997; Cummings & Armenta, 2002). O estudo realizado por Reilly, Lott e Gallogly (1986), vai de encontro a esta ideia, uma vez que, dos trinta e oito dos estudantes que participaram, mais de metade, escolheu ignorar o assédio (Reilly, Lott, & Gallogly, 1986; Cummings & Armenta, 2002).

O Evitamento, é uma outra resposta comum, ao assédio académico, que pode incluir desistir da disciplina, mudar de curso ou desistir da faculdade (McKinney, Olson, & Satterfield, 1988; Cummings & Armenta, 2002). As respostas menos comuns são falar com alguém sobre o assédio (Benson & Thompson, 1982; Reilly, Lott, & Gallogly, 1986; Cummings & Armenta, 2002), confrontar o agressor (Reilly, Lott, & Gallogly, 1986; Cummings & Armenta, 2002) e reportar o comportamento do mesmo (Reilly, Lott, & Gallogly, 1986; Cummings & Armenta, 2002).

As vítimas que são mais assertivas (Adams- Roy & Barling, 1998; Cummings & Armenta, 2002) ou que lidam com períodos mais longos de assédio têm mais probabilidade de reportar o mesmo (Cochran, Frazier, & Olson, 1997; Cummings & Armenta, 2002).

Contudo, as mulheres que apresentam queixa, têm uma maior probabilidade de experienciar problemas psicológicos e somáticos (Livingston, 1982; Cummings & Armenta, 2002).

O objetivo deste estudo é tentar compreender de que forma é que os estudantes universitários experienciam o assédio, se teve impacto na sua vida e como é que lidaram com a situação de assédio.

Referências

- Adams- Roy, J., & Barling, J. (1998). Predicting The Decision to Confront Or Report Sexual Harassment. *Journal Of Organizational Behaviour*, 329-336.
- Amar, A., Strout, T., Simpson, S., Cardiello, M., & Beckford, S. (2014). Administrator's perceptions of College Campus Protocols, Response, and Student Prevention Efforts For Sexual Assault. *Violence and Victims*.
- Artime, T., & Buchholz, K. R. (2016). Treatment for Sexual Assault Survivors at University Counselling Centers. *Journal of College Student Psychotherapy*, 252-261.
- Babaria, P., Abedin, S., Berg, D., & Nunez- Smith, M. (2012). " I'm too used to it": A Longitudinal Qualitative Study Of Third Year Female Medical Student's Experiences Of Gendered Encounters in Medical Education. *Social Science & Medicine*, 1013-1020.
- Baird, L., Bensko, L., Bell, A., Viney, W., & Woody, D. (1995). Gender Influences on Perceptions of Hostile Environment Sexual Harassment. *Psychological Reports*, 79-82.
- Benson, D., & Thompson, G. (1982). Sexual Harassment on a University Campus: The Confluence of Authority Relations, Sexual Interest and Gender Stratification. *Social Problems*, 236-251.
- Berdahl, J., Magley, V., & Waldo, C. (1996). The Sexual Harassment of Men?: Exploring the Concept With Theory and Data. *Psychology Of Women Quarterly*.
- Boeringer, S. (1999). Associations of Rape- Supportive Attitudes With Fraternal and Athletic Participation. *Violence Against Women*.
- Boswell, A., & Spade, J. (1996). Fraternities and Collegiate Rape Culture: Why are Some Fraternities More Dangerous Places for Women? *Gender and Society*, 133-147.
- Cantalupo, C. (2012). Descriminalizing Campus Institutional Responses to Peer Sexual Violence. *Journal Of College and University Law*, 483-526.
- CITE. (2018, Dezembro 20). *Assédio* . Retirado de Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego : <http://cite.gov.pt/pt/acite/dirdevtrab005.html>.
- Cleary, J., Schmieler, C., Parascenzo, L., & Ambrosio, N. (1994). Sexual Harassment Of College Students: Implications For Campus Health Promotion. *Journal Of American College Health* .
- Cochran, C., Frazier, P., & Olson, A. (1997). Predictors Of Responses to Unwanted Sexual Attention. *Psychology Of Women Quarterly*, 207- 226.
- Cortina, L., Swan, S., Fitzgerald, L., & Waldo, C. (1998). Sexual Harrasment and Assault: Chilling the Climate For Women in Academia . *Society For The Psychology of Women*.
- Cummings, K., & Armenta, M. (2002). Penalties For Peer Sexual Harassment in Academic Context: The Influence Of Harraser Gender, Participant Gender, Severity Of Harassment and The Presence Of Bystanders. *Sex Roles*, 273-280.

- Dziech, B., & Hawkins, M. (1998). *Sexual Harassment in Higher Education Reflections and New Perspectives*. New York & London: Garland Publishing, inc.
- EEOC. (2018, Dezembro 20). *Sexual Harassment*. Retirado de U. S. Equal Employment Opportunity Commission: https://www.eeoc.gov/laws/types/sexual_harassment.cfm
- Ekore, J. (2012). Gender Differences in Perception Of Sexual Harassment Among University Students. *Gender & Behaviour*, 4470-4480.
- Flecha, R., Puigvert, L., & Ríos, O. (2013). The New Alternative Masculinities and the Overcoming of Gender Violence. *Revista Internacional y Multidisciplinar en Ciencias Sociales*, 88-113.
- Freyd, J. (1994). Betrayal Trauma: Traumatic Amnesia as an Adaptive Response to Childhood abuse. *Ethics & Behaviour*, 307-329.
- Gelfand, M., FitzGerald, L., & Drasgow, F. (1995). The Structure of Sexual Harassment: A Confirmatory Analysis across Cultures and Settings. *Journal Of Vocational Behavior*.
- Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia* . Lisboa: Fim de Século Edições .
- Gross, A., Winslett, A., Roberts, M., & Gohm, C. (2006). An Examination of Sexual Violence Against College Women. *Violence Against Women*.
- Harned, M., & Fitzgerald, L. (2002). Understanding a link between sexual harassment and eating disorder symptoms: A mediational analysis. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*.
- Ho, I., Bellefontaine, S., & Irving, A. (2012). Sexual Harassment and Posttraumatic Stress Symptoms among Asian and White Women. *Journal Of Aggression, Maltreatment & Trauma*.
- Holland, K., & Cortina, L. (2017). " It Happens to Girls All the Time" Examining Sexual Assault Survivors' Reasons for Not Using Campus Supports. *Society for Community Research and Action*.
- Holman, E., & Silver, R. C. (1998). Getting "stuck" in the past: Temporal Orientation and coping with trauma . *Journal of Personality and Social Psychology*.
- Huerta, M., Cortina, L., Pang, J., Torges, C., & Magley, V. (2006). Sex and Power in The Academy: Modeling Sexual Harassment In The Lives Of College Women. *Society For Personality And Social Psychology*.
- Jornal Diário de Notícias . (2019, Janeiro 31). *Assédio Sexual no Contexto Académico de Coimbra*. Retirado de Diário de Notícias: <https://www.dn.pt/portugal/interior/estudo-revela-assedio-sexual-em-grande-escala-no-contexto-academico-de-coimbra-9368419.html>
- Junger, M. (1987). Women's Experiences Of Sexual Harassment. *British Journal Of Criminology*.
- Kalof, L., Eby, K., Matheson, J., & Kroska, R. (2001). The Influence Of Race and Gender on Students Self-Reports Of Sexual Harassment By College Professors. *Gender & Society*.

- Kessler, R., Sonnega, S., Bromet, E., Hughes, M., & Nelson, C. (1996). Posttraumatic Stress Disorder in the National Comorbidity Survey. *Archives of General Psychiatry*.
- Langdridge, D. (2007). *Phenomenological Psychology: Theory, Research and Method*. England: Pearson Education Limited .
- Livingston, J. (1982). Responses to Sexual Harassment on the Job: Legal, Organizational, and Individual Actions. *Journal Of Social Issues*.
- McDermut, J., Haaga, D., & Kirk, L. (2000). An Evaluation of Stress Symptoms Associated With Academic Sexual Harassment. *Journal Of Traumatic Stress* .
- McKinney, K., Olson, C., & Satterfield, A. (1988). Graduate Student´s Experiences With and Responses to Sexual Harassment. *Journal Of Interpersonal Violence* .
- Nóbrega, M (2016). *Percepções de Assédio Sexual*. Tese de Mestrado não publicada. Universidade do Porto. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- PGDL. (2019, Abril 3). *Legislação* . Retirado de Procuradoria- Geral Distrital de Lisboa : <http://www.pgdlisboa.pt/leis/>
- Powell, G. (1986). Effects of Sex Role Identity and Sex Definitions of Sexual Harassment. *Sex Roles*.
- Quina, K., & Carlson, N. (1989). *Rape, Incest, and Sexual Harassment. A Guide For Helping Survivors*. New York: Praeger Publisher.
- Rapidah, O., Shafini, S., Khalid, M., Masliza, M., & Nurulnadwan, A. (2017). Sexual Harassment in Campus: Awareness, Risk Factor, and, Effect Among Students in Higher Learning Institutions. *Journal of Fundamental and Applied Sciences* .
- Reilly, M., Lott, B., & Gallogly, S. (1986). Sexual Harassment of University Students. *Sex Roles*.
- Romito, P., Cedolin, C., Bastiani, L., & Cubizolles, M. (2017). Sexual Harassment and Menstrual Disorders Among Italian University Women: A Cross- Sectional Observational Study. *Scandinavian Journal Of Public Health*.
- Rosenthal, M., Smidt, A., & Freyd, J. (2016). Still Second Class: Sexual Harassment of Graduate Students . *Psychology Of Women Quarterly*.
- Rosenthal, M., Smith, C., & Freyd, J. (2017). Behind Closed Doors: University Employees as Stakeholders in Campus Sexual Violence . *Journal Of Agression, Conflict and Peace Research*.
- Settles, I., Harrell, Z., Buchanan, N., & Yap, S. (2011). Frightened or Bothered: Two Types of Sexual Harassment Appraisals. *Social Psychological and Personality Science* .
- Smith, C., & Freyd, J. (2013). Dangerous Safe Heaven: Institucional Betrayal Exacerbates Sexual Trauma . *Journal Of Traumatic Stress*.
- Strout, T., Amar, A., & Astwood, K. (2014). Women´s Center Staff Perceptions of the Campus Climate on Sexual Violence . *Journal Of Forensic Nursing*.

Studzinska, A., & Hilton, D. (2016). Minimization Of Male Suffering: Social Perception Of Victims And Perpetrators Of Opposite- Sex Sexual Coercion. *Sexuality Research and Social Policy* .

The Guardian. (2019, janeiro 13). *We Felt inferior and degraded reporting sexual harassment at university*. Retirado de The Guardian: www.theguardian.com/education/2017/mar/05/we-felt-inferior-and-degraded-reporting-sexual-harassment-at-university

Till, F. (1980). *Sexual Harassment: A Report on the Sexual Harassment Of Students* . United States : National Advisory Council on Women´s Educational Programs.

Valls, R., Puigvert, L., Melgar, P., & Garcia- Yeste, C. (2016). Breaking The Silence at Spanish Universities: Findings From The First Study Of Violence Aganist Women on Campuses In Spain. *Violence Aganist Women*.

Van Roosmalen, E., & McDaniel, S. (1999). Sexual Harassment in Academia: A Hazard to Women´s Health. *Women & Health*.

Waldo, C., Berdhal, J., & Fitzgerald, L. (1998). Are Men Sexually Harassed? If So, by Whom? *Law and Human Behavior* .

Wilson, F. (2000). The Subjective Experience Of Sexual Harassment: Case Of Students. *Human Relations* .

Yoon, E., Funk, R., & Kropf, N. (2010). Sexual Harassment Experiences and Their Psychological Correlates Among Diverse Sample of College Women. *Journal Of Women and Social Work*.

Anexo 2- Consentimento Informado

Consentimento Informado

Este estudo enquadra-se num Projeto de Dissertação do Mestrado em Psicologia Clínica no ISPA- Instituto Universitário, orientado pelo Doutor Victor Amorim Rodrigues. O objetivo deste estudo é perceber de que forma é que os estudantes universitários portugueses experienciam o Assédio Sexual, num Contexto Académico, que influencia é que o mesmo tem nas suas vidas e de que forma lidam com ele. Estas questões são para ser respondidas, **apenas** por estudantes universitários que tenham sofrido Assédio Sexual na Universidade.

Todos os dados obtidos durante este estudo são anónimos e confidenciais, sendo apenas utilizados para fins académicos. A participação é individual e voluntária, sendo permitido desistir ou abandonar o estudo, sem qualquer prejuízo.

Este questionário, tem como base, o Método Fenomenológico Descritivo de Giorgi, o que vai permitir uma narração da experiência individual de cada participante. A sua realização demora cerca de 20 a 30 minutos, sendo importante que responda ao mesmo da forma mais honesta e detalhada possível.

Para eventuais dúvidas ou questões que queira ver esclarecidas, por favor contacte:

23287@alunos.ispa.pt

Desde de já, obrigada pela sua colaboração.

Carolina Melo

Anexo 3- Guião da Entrevista

Guião de Entrevista

Questionário Sociodemográfico:

- Sexo
- Idade
- Habilitações Literárias (Licenciatura, Mestrado, Pós-graduação, Doutoramento)
- Local de Residência
- Estabelecimento de Ensino(facultativo)

Descreva, com todos os detalhes que lhe forem possíveis, a sua experiência de Assédio sexual em Contexto Universitário. Dê detalhes suficientes para que uma pessoa que nunca tenha passado por este tipo de experiência, saiba como foi para si.

1. Explique como foi a sua experiência de ser assediada/o?
2. Como é que sentiu no decorrer da experiência e após a mesma?
3. Como é que a experiência terminou (caso já tenha terminado)?
4. Contou/ Reportou ao Estabelecimento de Ensino que frequenta?
5. Que Estratégias utilizou para lidar com a mesma?
6. De que forma é que influenciou a sua vida diária?
7. Têm alguma rede de apoio com quem possa falar/ desabafar sobre esta experiência?
8. Procurou algum tipo de Apoio Profissional para conseguir lidar com a experiência?

Anexo 4- Entrevistas dos Participantes

Entrevistas Escritas dos Participantes

Participante 1, 19 anos, Sexo Feminino, Licenciatura

E- Explique como foi a sua experiência de ser Assediada/o?

P1- O que aconteceu foi numa festa da universidade, que eu fui com alguns amigos da turma. Eu não os conhecia a todos, porque os meus amigos trouxeram outros amigos e ficamos todos juntos. Pronto, estávamos todos a dançar, já tínhamos todos bebido e um dos amigos do colega meu de turma, começou a dançar comigo. Ao início, não me importei, estava tudo bem, mas depois ele começou-me a agarrar e eu disse que não queria e tentei afastar-me. Ele pediu desculpa e diz que não fez por mal, mas depois começou outra vez a agarrar-me e tentou-me beijar à força. Eu, depois consegui empurrá-lo e sai dali.

E- Como é que se sentiu durante e após a experiência?

P1- Foi horrível e de certa forma, acabei por me sentir culpada, porque eu estava a dançar com ele, devia ter logo dito que não e ir embora. Achei mesmo que ele me podia fazer alguma coisa, apesar de estar mais pessoas à volta, mas como estávamos todos num ambiente de festa, ninguém ia dar por nada. Sinceramente, fiquei a sentir-me muito culpada.

E- Como é que a experiência chegou ao fim (caso já tenha terminado)?

P1- Eu consegui empurrá-lo e ir embora e depois liguei a uma amiga que morava perto da faculdade, para me vir buscar, porque não aguentava estar mais ali, até porque ele podia aparecer novamente. Nem sequer avisei as pessoas que vieram comigo, que ia embora, só mais tarde é que mandei uma mensagem a dizer que estava-me a sentir mal e fui para casa.

E- Contou/ Reportou ao Estabelecimento de Ensino ou às autoridades? Caso não o tenha feito, qual o motivo que a/ o levou a manter o silêncio. Caso tenha reportado, explique como lidaram com a situação.

P1- Não contei a ninguém, nem à faculdade, nem à polícia. Até porque eu já tinha bebido, estava a dançar com ele, de certeza que iam dizer que eu é que tinha a culpa ou iam desvalorizar o que eu estava a contar, porque de certa forma, permiti que ele estivesse comigo e dei " os sinais" errados. Por isso optei por não dizer nada.

E- Que estratégias utilizou para lidar com a experiência?

P1- Acho que não consegui lidar bem com tudo isto. Ele não era da minha faculdade e por isso não o vi mais, mas deixei de ir a festas da faculdade e não falo com o amigo dele, para evitar saber dele, até porque depois disto acontecer, o amigo dele disse-me que ele tinha gostado muito de dançar comigo e ficou muito preocupado por eu ir embora sem dizer nada. Eu fiquei um bocado assustada com essa conversa e então, fui-me começando a distanciar dessa pessoa.

E- De que forma, é que esta experiência influenciou a sua vida diária?

P1- Tenho mais cuidado relativamente a festas e às pessoas com quem me dou. Agora quando saio com amigos, vou sempre com pessoas que conheço e que sei que não me vão deixar sozinha. Além disso, já não estou com pessoas que não conheço sozinha, peço sempre a alguém para ficar comigo, porque tenho medo que me tentem fazer alguma coisa e que não me consiga defender. Daquela vez consegui, mas tenho medo que volta a acontecer e que não consiga fazer nada. Por isso, acho que posso dizer que isto influenciou a minha vida, sem me dar conta.

E- Têm alguma rede de apoio com quem possa falar/ desabafar sobre esta experiência?

P1- A única pessoa com quem falei foi com a amiga que veio buscar, que foi muito compreensiva e eu pedi-lhe para não contar a ninguém, porque não quero que mais ninguém saiba do que me aconteceu. Pode ser que um dia consiga contar a mais pessoas, mas para já ainda não, ainda é tudo bocado recente.

E- Procurou algum tipo de Apoio Profissional para conseguir lidar com a experiência?

P1- Não procurei apoio profissional, acho que não é preciso para já mas tenho a noção que podia ser uma ajuda para conseguir falar desta situação.

Participante 2, 21 anos, Sexo Feminino, Licenciatura

E- Explique como foi a sua experiência de ser Assediada/o?

P2- Eu fui assediada por quatro colegas de turma, depois de uma aula. Isto já foi mais ou menos há 2 anos, eu estava a sair da aula, já era tarde e já não estava praticamente ninguém naquele corredor, para além dos colegas da minha turma que estavam a sair. Eu fui ao cacifo, buscar alguns livros para levar para casa e depois, fui encurralada contra a parede por os quatro rapazes que eram da minha turma. Não falava muito com eles, sempre achei que eles tinham um bocadinho a mania que eram engraçados, mas mais nada. Quando tento sair de ao pé deles, não me deixaram, estavam dois de cada lado e não me deixavam sair. Começaram a comentar a minha roupa e disseram que me tinham visto com o meu namorado, e que eu desde que, tinha namorado que estava muito mais gira e que tinham pena de não ter reparado em mim mais cedo. Eu comecei a ficar muito assustada com aquela conversa e pedi que me deixassem ir embora, e eles começaram a dizer que eu para me vestir daquela maneira agora, é porque queria a atenção deles também e que tinha conseguido. Só consegui sair dali, porque ficaram duas raparigas a falar com o professor até aquela altura e quando as vi, chamei-as e elas vieram ter comigo e só assim é que sai.

E- Como é que se sentiu durante e após a experiência?

P2- Assustada e com medo, que me pudessem fazer alguma coisa. Nunca me tinha sentido com tanto medo, como me senti naquele momento. Nem quero pensar no que me podia ter acontecido, se aquelas duas raparigas não tivessem lá, ainda hoje tenho sonhos com isso.

E- Como é que a experiência chegou ao fim (caso já tenha terminado)?

P2- Isto aconteceu a meio do semestre, por isso como tinha algumas aulas com eles, tinha que os continuar a ver, o que não foi de todo bom. E depois eles faziam comentários sobre o que eu trazia vestido e olhavam para mim de alto a baixo, por isso durante o resto do semestre andei

sempre com medo que me acontecesse alguma coisa outra vez. Isto só acabou, porque me fui embora da faculdade.

E- Contou/ Reportou ao Estabelecimento de Ensino ou às autoridades? Caso não o tenha feito, qual o motivo que a/ o levou a manter o silêncio. Caso tenha reportado, explique como lidaram com a situação.

P2- Não reporte à faculdade, provavelmente devia tê-lo feito porque é possível que eles façam isto a mais raparigas ou já o tivessem feito antes de mim. Mas eu tinha medo, tinha medo que não acreditassem em mim, porque era a minha palavra contra a deles e não queria mais confusão para mim, porque se eles fossem chamados à direção, sabiam que tinha sido eu a ir fazer queixa e ia ser pior para mim, tenho a certeza. Por isso fiquei calada e no fim do ano, mudei para outra faculdade, porque não podia continuar ali, outro ano, com medo do que pudesse acontecer e a vê-los outra vez.

E- Que estratégias utilizou para lidar com a experiência?

P2- Não fiz nada, fiquei calada. E hoje arrependo-me disso. Devia ter tido mais coragem e confrontá-los quando me fui embora. Devia lhes ter dito que o que eles me fizeram não se faz e que deviam ser expulsos da faculdade por terem este tipo de comportamentos. Em vez disso, limitei-me a ficar calada, a evitar confrontos, tentava não chamar atenção para mim, não participava nas aulas e até mudei a minha forma de vestir, que é uma coisa que não devia ter feito. Mas sentia que a culpa era minha, porque estava vestida, de uma forma, que chamava a atenção. Devia ter feito tudo de outra forma.

E- De que forma, é que esta experiência influenciou a sua vida diária?

P2- Influenciou bastante. Não confio em rapazes no geral, para além do meu namorado que foi um grande apoio para mim. Nos trabalhos de grupo, fico sempre com raparigas e os meus amigos rapazes são muito restritos. Não dou conversa a ninguém, não aceito pedidos de amizade nas redes sociais de pessoas que não conheço. Estou muito mais comedida na forma como vou vestida para a faculdade, porque não quero dar a impressão errada.

E- Têm alguma rede de apoio com quem possa falar/ desabafar sobre esta experiência?

P2- Falei com as pessoas que me são mais próximas, uns dias depois, porque aquilo foi difícil de falar, ainda hoje é e não quero que mais pessoas saibam. O meu namorado apoio-me muito, ele quando soube da situação, queria ele ir falar com eles e disse que isto só se resolvia com uma conversa de homem para homem, mas eu não quis, pedi-lhe por tudo para ele não fazer nada, porque ia ser pior para mim.

E- Procurou algum tipo de Apoio Profissional para conseguir lidar com a experiência?

P2- Neste momento, estou a fazer terapia. Estive muito tempo a lidar com este assunto sozinha e isto já me estava a afetar bastante. Espero que com a terapia conseguia melhorar e ficar menos desconfiada das intenções dos homens e quem consiga relacionar melhor com eles, até porque estou quase a entrar para o mercado de trabalho e isto ia ser uma dificuldade.

Participante 3, 20 anos, Sexo Masculino, Licenciatura

E- Explique como foi a sua experiência de ser Assediada/o?

P3- Isto que aconteceu, não acho que seja muito grave, mas vou contar na mesma. Aconteceu entre mim e uma colega de faculdade. Essa colega era nova na faculdade e um ano mais velha do que eu. Não é para me gabar, mas durante o secundário, sempre fui "popular", sempre gostei de ir a festas e sair com os amigos e conhecer miúdas, por isso na faculdade não mudou grande coisa.

Esta rapariga, sentava-se atrás de mim nas aulas e no início, era muito tímida e mal falava comigo, estava sempre com uma amiga. Depois, tivemos de fazer um trabalho de grupo juntos e os comportamentos começaram a mudar. Percebi que ela era completamente "passada da cabeça". Começava-me a provocar, tinha conversas de teor sexual, tentava-me agarrar durante as reuniões para o trabalho de grupo e pior de tudo, foi ter publicado uma fotografia minha no *facebook* dela, onde dava a entender que estava apaixonada por mim. Foi completamente surreal.

E- Como é que se sentiu durante a experiência e após a mesma?

P3- Ao início, achei piada. Levei tudo na boa, a rapariga não me parecia má pessoa, achei que ela estava só a brincar comigo. Mas isto chegou ao ponto, que se começava a ver que ela não ia parar. Fiquei muito desconfortável com toda esta atenção e perseguição que ela me fazia. E depois, tinha de fazer de conta que nada me afetava, porque sou um homem, supostamente, quando uma miúda gosta de nós, é sempre bom, mas isto já me assustava. Achei mesmo que ela estava obcecada por mim e não sabia o que fazer para lidar com o que se estava a passar.

E- Como é que a experiência chegou ao fim (caso já tenha terminado)?

P3- Felizmente, para mim, ela saiu da faculdade no ano seguinte, porque conseguiu vaga numa faculdade, perto da casa dela, que era no sul do país. Mas enquanto, ela não saiu, foi mau. Vim a saber mais tarde, que ela pôs fotografias minhas, num dos computadores da faculdade, fiquei completamente passado. E, já para não falar, que tinha namorada na altura, que também não achou muita piada ao que se passava.

E- Contou/ Reportou ao Estabelecimento de Ensino ou às autoridades? Caso não o tenha feito, qual o motivo que a/ o levou a manter o silêncio. Caso tenha reportado, explique como lidaram com a situação.

P3- Claro que não. Ia dizer o quê? Que tinha uma rapariga, que parecia que não fazia mal a uma mosca, a perseguir-me e a tentar tocar-me constantemente? Quem é que ia acreditar em mim? Até porque, muitas pessoas que estão nesta faculdade, estavam na mesma escola que eu, no secundário e sabem que eu tenho fama como raparigas. Ninguém ia acreditar em mim, muito menos com ela, fazer-se de sonsa para toda a gente.

E- Que estratégias utilizou para lidar com a experiência?

P3- Confrontei-a algumas vezes. Disse para ela parar com isto, que já não tinha piada. E a seguir, ela ria-se na minha cara e continuava com conversas desapropriadas. Cheguei a um ponto, em que comecei a tentar evitá-la, comecei a ignorá-la e mudei de lugar algumas vezes. Também a confrontei com a fotografia, e ela disse-me " estou só a brincar contigo, olha até o meu pai já comentou". A sério, ela é completamente maluca. E chegou a existir dias, em que me escondi dela, porque já não conseguia aguentar mais. Às vezes, ainda me sentia um bocado culpado por me estar a esconder, porque quer dizer, sou um homem e estou-me a esconder de uma rapariga só porque ela gosta de mim? Mas, já não conseguia mais.

E- De que forma, é que esta experiência influenciou a sua vida diária?

P3- Não teve influência, continuo a ser o mesmo. Gosto de sair, gosto de estar com miudas e de conhecer miúdas novas. Não me voltou a acontecer mais nada do gênero e espero que não veja mais aquela rapariga.

E- Têm alguma rede de apoio com quem possa falar/ desabafar sobre esta experiência?

P3- Não, os amigos que estavam comigo e que assistiram a alguns comportamentos dela, achavam piada. Fartavam-se de rir à minha custa, diziam que " eu tinha muita saída" e que tinha sorte, porque ela até era gira, apesar de ser maluca. E eu tinha de alinhar nisto, porque senão ainda me chamavam maricas.

E- Procurou algum tipo de Apoio Profissional para conseguir lidar com a experiência?

P3- Não, não preciso disso.

Participante 4, 19 anos, Sexo Feminino, Licenciatura

E- Explique como foi a sua experiência de ser Assediada/o?

P4- Não sei se posso considerar o que vou escrever assédio, mas cá vai. O que passou foi entre mim e uma amiga, que já vinha comigo desde do secundário. Nós éramos amigas, mas às vezes, tinha a sensação que ela queria mais do que isso, pela forma como falava e pelas conversas que tinha comigo. Fomos para a mesma faculdade e as coisas, ficaram piores do que já estavam. Para mim, o que mais me assustou, foi quando me estava na casa de banho da faculdade a arranjar e ela se pôs em cima do tampo da sanita, e começou a ver-me a vestir-me. Fiquei muito chateada e pedir-lhe para dar alguma privacidade. Nesse mesmo dia, ela veio com uma conversa muito esquisita, onde insinuava que existia alguma coisa entre nós, mas que eu não queria admitir e depois, estava a tentar que eu lhe desse um beijo, porque ela estava metida num grupo qualquer de teatro da faculdade e queria treinar. Eu disse-lhe que não, que ela podia treinar com outra pessoa.

Já não sabia o que lhe dizer. Disse-lhe que éramos só amigas, que não gostava dela dessa forma. Ela depois disse-me que estava só a brincar. Desde daí, que fiquei muito desconfortável com a sua presença e especialmente, quando estava sozinha comigo.

E- Como é que se sentiu durante a experiência e após a mesma?

P4- Não sabia como lidar com isto. Ela é minha amiga, estávamos dentro do mesmo grupo de amigas, fomos para a mesma faculdade, quer dizer, não existia forma de sair disto. Senti-me mal, porque tive de sofrer sozinha tudo isto e tive muita vergonha de contar a alguém, porque não sabia o que as pessoas iam pensar.

E- Como é que a experiência chegou ao fim (caso já tenha terminado)?

P4- Terminou da pior forma possível. Eu estava a tentar arranjar uma forma de sair da situação, sem arranjar problemas com ela, mas isso tornou-se impossível, quando numa discussão do grupo de amigas, ela quase que nos obrigou a escolher entre ela e outra amiga, por uma confusão com namorados e eu escolhi ficar do lado da outra amiga. Ela depois, ainda tentou falar comigo, mas eu considerei que o que ela fez foi errado e disse-lhe. Ela não reagiu bem e deixou de falar por completo.

E- Contou/ Reportou ao Estabelecimento de Ensino ou às autoridades? Caso não o tenha feito, qual o motivo que a/ o levou a manter o silêncio. Caso tenha reportado, explique como lidaram com a situação.

P4- Não contei a ninguém, tinha demasiada vergonha para isso e não sabia como explicar esta situação a alguém. Demorei muito tempo a contar a pessoas da minha confiança, contar à faculdade estava fora de questão.

E- Que estratégias utilizou para lidar com a experiência?

P4- Tentei sempre levar tudo a bem. Não lhe dava muita conversa e evitava estar sozinha com ela em algum sítio, tentava sempre estar acompanhada por mais alguém. Só quando ela tinha os comentários mais sexuais, é que eu era mais confrontativa, quando achava que ela estava a ir longe demais com aquela conversa ou comportamento. Às vezes, acho que se não me tivesse começado a dar com ela ou se tivesse visto logo como ela era, isto não teria acontecido ou nunca teria chegado assim tão longe, como chegou.

E- De que forma, é que esta experiência influenciou a sua vida diária?

P4- Eu já sou uma pessoa tímida e resguardada e acho que isto ainda fez pior. Já dou por mim, a conhecer pessoas novas e a ver que elas têm conversas ou expressões muito parecidas às dessa minha amiga e começo logo a ficar alarmada e a pensar, que tenho de ter cuidado com esta pessoa e não dar muita confiança.

E- Têm alguma rede de apoio com quem possa falar/ desabafar sobre esta experiência?

P4- Eu demorei algum tempo a contar a alguém sobre este assunto, porque depois tinha vergonha e perdia a coragem. Mas eventualmente, contei à minha mãe e a uma amiga dela sobre o assunto e à minha melhor amiga, que me ajudou muito lidar com a situação. E acabei por não contar a ninguém do meu grupo de amigos na altura, porque não sabia como explicar a situação e tinha medo que não acreditassem em mim ou dissessem que eu estava a exagerar, que era só

a maneira dela de ser e que ela não estava a ter estes comportamentos por mal. Por isso, é que demorei tanto tempo.

E- Procurou algum tipo de Apoio Profissional para conseguir lidar com a experiência?

P4- Não, mas sei que preciso de falar com alguém sobre isto. Penso que vá procurar ajuda, quando forem as férias de verão, porque tenho mais tempo.

Participante 5, 47 anos, Sexo Feminino, Mestrado

E- Explique como foi a sua experiência de ser Assediada/o?

P5- Claro que não foi uma experiência agradável foi com um colega de turma com quem até me dava bem, mas que a partir de uma certa altura começou a querer saber mais do que devia sobre a minha vida pessoal e depois sentimental. Um toque na mão um toque na perna do nada sempre que chegava dava-me dois beijos e mais tarde passou a ter conversas mais abusadas e menos próprias. Sendo que, ambos estávamos em relações com outras pessoas e ele sabia perfeitamente que eu estava com o meu namorado, já há muitos anos e isso não o impediu de continuar com este tipo de conversas.

E- Como é que se sentiu durante a experiência e após a mesma?

P5- Comecei por não dar muita importância, mas com a insistência dele passei a sentir-me incomodada e sem saber como lidar com a situação.

E- Como é que a experiência chegou ao fim (caso já tenha terminado)?

P5- Acabei por ganhar coragem e tive uma conversa com ele e disse-lhe que se não parasse faria queixa dele. E ele acedeu não de muito boa vontade porque dizia que estava apaixonado por mim e achava que o que fazia não era assédio, mas demonstrações de amor.

E- Contou/ Reportou ao Estabelecimento de Ensino ou às autoridades? Caso não o tenha feito, qual o motivo que a/ o levou a manter o silêncio. Caso tenha reportado, explique como lidaram com a situação.

P5- Desabafei apenas com uma amiga mais chegada e como depois de ter conversado com ele o assédio terminou não fiz queixa. Conversei também com o meu namorado sobre o assunto, que me incentivou a ir fazer queixa à Faculdade, por causa do comportamento menos próprio que este colega estava a ter comigo. Foi-me complicado e tive algumas reservas em contar às pessoas, especialmente ao meu namorado, porque achei que ele não ia acreditar em mim ou me

ia culpar de certa forma, porque ele acha que eu dou muita confiança às pessoas e que falo de coisas que não devo e por vezes, tem razão.

E- Que estratégias utilizou para lidar com a experiência?

P5- Primeiro, comecei por não dar muita importância ao que se estava a passar, evitava pensar muito no assunto, ignorá-lo, mas depois quando percebi que ele não ia parar, lidei com isso com Bom senso calma e uma conversa muito séria com a pessoa em questão.

E- De que forma, é que esta experiência influenciou a sua vida diária?

P5- Apenas passei a ter mais atenção às pessoas com quem me relacionava principalmente homens no sentido de falar menos sobre mim e como se costuma dizer na gíria "passei a mostrar menos os dentes".

E- Têm alguma rede de apoio com quem possa falar/ desabafar sobre esta experiência?

P5- falei apenas com algumas amigas mais chegadas na altura e com o meu namorado, que me apoio nesta situação.

E- Procurou algum tipo de Apoio Profissional para conseguir lidar com a experiência?

P5- Já estava a ser seguida num psiquiatra quando se passou esta situação e falei com ele sobre o assunto, pois estava muito incomodada com o que se estava a passar.

Participante 6, 20 anos, Sexo Feminino, Mestrado

E- Explique como foi a sua experiência de ser Assediada/o?

P6- A minha experiência de assédio foi com um colega de faculdade mais velho. Eu ainda era calouira, e ele já estava na faculdade há 2 anos. Começamos a falar e demo-nos bem. Ele flertava comigo e eu como o achava interessante, acaba por lhe responder. Um dia, convidou-me para ir a uma festa na casa dele e disse que podia levar umas amigas da faculdade. Eu fui e foi a pior coisa que podia ter feito. Começamos a beber todos, estava um ambiente de festa e ele começou a tentar levar-me para o quarto dele. Eu disse que não, mas ele disse, que queria conversar comigo mais à vontade e eu aceitei, porque nunca achei que ele me fosse fazer mal. Quando chegamos ao quarto, ele começou-me a beijar e eu tentei pará-lo e disse que não queria. Ele não me ligou nenhuma e continuou o que estava a fazer. Continuei a pedir para parar e comecei a gritar, porque estavam mais pessoas em casa. Quando pensei que ninguém me ia ajudar, porque ele estava muito avançado no que estava a fazer, apareceu um amigo dele no quarto com uma das minhas amigas e estavam completamente bêbados. Foi aí, que eu consegui empurrá-lo de cima de mim e fugir a correr daquela casa.

E- Como é que se sentiu durante a experiência e após a mesma?

P6- Senti-me mal e com nojo de mim própria. E sentia-me muito culpada porque estive a beber e fui com ele para o quarto, fui muito irresponsável. Se me tivesse acontecido algo mais grave, a culpa era minha, eu é que devia ter percebido logo, o que é que se ia passar. Mal consegui, chegar a casa, fui logo tomar um banho e deitei aquela roupa fora, já não conseguia olhar mais para ela.

E- Como é que a experiência chegou ao fim (caso já tenha terminado)?

P6- A festa foi no fim-de-semana e depois quando cheguei á faculdade, o que eu queria era esquecer o assunto e não falar com ninguém sobre aquilo, mas percebi que alguém tinha andado a espalhar rumores e que eu e esse rapaz tínhamos dormido juntos na festa. Eu neguei tudo e falei com as minhas amigas que estavam lá comigo sobre o que tinha acontecido, mas elas não acreditaram em mim. Disseram que me tinham visto a sair do quarto dele, meia despida e que ele no fim da festa, tinha contado a toda a gente que tínhamos feito sexo. Depois disto, a minha

vida na faculdade foi um inferno. Era tudo a falar sobre mim, ele continuava a inventar histórias sobre nós os dois e dizia que eu sempre estive apaixonada por ele e quis aquilo que ele me fez. Eu tive de mudar de faculdade no final do ano, porque isto estava a ser demais, já não conseguia e além disso, acabei por chumbar a grande parte das cadeiras, porque deixei de ir às aulas.

E- Contou/ Reportou ao Estabelecimento de Ensino ou às autoridades? Caso não o tenha feito, qual o motivo que a/ o levou a manter o silêncio. Caso tenha reportado, explique como lidaram com a situação.

P6- Não reporte à faculdade nem à polícia, mas pensei em fazê-lo. Acabei por desistir, porque achei que ainda ia tornar tudo pior do que já estava. Já me acusavam de ser mentirosa e ter inventado uma tentativa de violação, quando supostamente fui eu quis e que estava apaixonada por ele, por isso, optei por ficar calada e não arranjar mais confusões para mim. Mas tenho a noção de que deveria fazer alguma coisa, que isso pode impedir que ele ou outros façam o mesmo a mais alguém, mas não tenho coragem para isso.

E- Que estratégias utilizou para lidar com a experiência?

P6- Evitei tudo e todos. Deixei de ir à faculdade, deixei de falar com as pessoas até porque a grande parte delas, achava que eu era uma mentirosa, que estava a fazer isto porque ele já não queria nada comigo, depois de dormirmos juntos. Por isso, foi muito complicado, já não sabia o que fazer ou como lidar com tudo o que estava a acontecer. Afastei-me toda a gente, deixei de fazer coisas que gostava de fazer e sinceramente, pensei que a única forma de lidar com isto era desaparecer daqui e nunca mais ninguém me ver. De certa forma, foi isso que fiz. Pedi transferência para uma faculdade, que fica longe de tudo isto.

E- De que forma, é que esta experiência influenciou a sua vida diária?

P6- Influenciou muito a minha vida. Perdi tudo o que tinha. Perdi as minhas amigas, deixei um curso e uma faculdade que gostava, deixei de praticar desporto, que era uma coisa que fazia com regularidade, comecei a ficar mais tempo em casa devido ao que se estava a passar na faculdade. Este indivíduo acabou por estragar a minha vida e sei que mais tarde ou mais cedo, vou ter de o ver novamente.

E- Têm alguma rede de apoio com quem possa falar/ desabafar sobre esta experiência?

P6- Não tive ninguém com quem falar sobre o assunto, porque ninguém acreditava em mim. Todas as pessoas, mesmo as que, eu considerava amigas, achavam que ele estava a dizer a verdade e eu a mentir. Nesta nova faculdade, já tenho alguns amigos, mas nunca falei sobre o assunto com eles.

E- Procurou algum tipo de Apoio Profissional para conseguir lidar com a experiência?

P6- Sim, depois de mudar de faculdade, percebi que precisava de falar com alguém sobre o que me aconteceu, porque isto afetou bastante a minha vida. Já fiz algumas sessões com uma psicóloga e está tudo a correr bem.

Anexo 5- Tabela 3. Participante 1

Participante 1,19 anos, Sexo Feminino, Licenciatura

	Unidade de Significado(U.S)		Significado Psicológico(S.P)
U.S.1	<p>E- Explique como é que foi a sua experiência de ser assediada/o?</p> <p>P-O que aconteceu foi numa festa da universidade, que eu fui com alguns amigos da turma. Eu não os conhecia a todos, porque os meus amigos trouxeram outros amigos e ficamos todos juntos. Pronto, estávamos todos a dançar, já tínhamos todos bebido e um dos amigos do colega meu de turma, começou a dançar comigo. Ao início, não me importei, estava tudo bem, mas depois ele começou-me a agarrar e eu disse que não queria e tentei afastar-me. Ele pediu desculpa e diz que não fez por mal, mas depois começou outra vez a agarrar-me e tentou-me beijar à força. Eu, depois</p>	<p>A P1 refere que a sua experiência ocorreu numa Festa da Universidade, que ela compareceu com os colegas de turma.</p> <p>A P1 diz não conhecer todas as pessoas que se encontravam consigo, pois era amigo dos amigos. Refere que um dos amigos, do seu colega de turma, começou a dançar com ela e que, inicialmente, ela não se importou, mas depois essa pessoa começou a agarrá-la e a P1 disse que não queria e tentou afastar-se.</p> <p>A P1 refere que essa pessoa lhe pediu desculpa, mas tentou novamente agarrá-la e beijá-la, sem o consentimento da P1.</p>	<p>Desconhecimento prévio da pessoa em questão</p> <p>Inicialmente, desvaloriza a situação</p> <p>Não deu consentimento para ser tocada pela pessoa</p> <p>Tentativa de desculpabilizar o comportamento do colega</p> <p>Fuga do local como forma de terminar a experiência</p>

	consegui empurrá-lo e sair daquele sitio.	A P1 conseguiu afastá-lo e sair do local.	
U.S. 2	<p>E-Como é que se sentiu durante a experiência e após a mesma?</p> <p>P- Foi horrível e de certa forma, acabei por me sentir culpada, porque eu estava a dançar com ele, devia ter logo dito que não e ir me embora. Achei mesmo que ele me podia fazer alguma coisa, apesar de estar mais pessoas à volta, mas como estávamos todos num ambiente de festa, ninguém ia dar por nada. Sinceramente, fiquei a sentir-me muito culpada.</p>	<p>A P1 diz que sentiu horrível e culpada, pois começou por dançar com ele e achava que devia ter dito logo que não e ter saído do local.</p> <p>A P1 refere que achava que ele lhe pudesse fazer alguma coisa, apesar de existirem pessoas à sua volta, contudo, acha que como estavam todos num ambiente festivo, as pessoas não iam perceber o que se estava a passar.</p> <p>A P1 refere, novamente, que se sentiu muito culpada.</p>	<p>Sentimentos de culpabilização em relação a si própria</p> <p>Receio que pudesse acontecer algo mais grave</p> <p>Receio de não ser ajudada pelas pessoas que estavam na festa</p>
U.S.3	<p>E- Como é que a experiência chegou ao fim (caso já tenha terminado)?</p> <p>P- Eu consegui empurrá-lo e ir embora e depois liguei a uma amiga que morava perto da faculdade, para me vir buscar, porque não aguentava estar mais ali, até porque ele podia aparecer novamente. Nem sequer avisei as</p>	<p>A P1 menciona que conseguiu empurrar a pessoa em questão e depois, ligou a uma amiga que vivia perto para ir buscar à festa, pois refere que não conseguia continuar na festa, com esta pessoa ainda presente.</p> <p>A P1 diz ainda que, não avisou as pessoas que se</p>	<p>Receio de continuar no mesmo local que a pessoa em questão</p> <p>Receio que a pessoa voltasse</p> <p>Pedido de ajuda a alguém próximo</p> <p>Tentativa de esconder a situação aos colegas que estavam consigo</p>

	<p>peças que vieram comigo, que ia embora, só mais tarde é que mandei uma mensagem a dizer que estava-me a sentir mal e fui para casa.</p>	<p>encontravam com ela na festa, e só depois de estar em segurança, é que mandou uma mensagem aos colegas, onde dizia que se sentiu mal e por isso, foi mais cedo para casa.</p>	
U.S.4	<p>E- Contou/ Reportou ao Estabelecimento de Ensino ou às autoridades? Caso não o tenha feito, qual motivo que a/o levou a manter em silêncio. Caso tenha reportado, explique como lidaram com a situação.</p> <p>P- Não contei a ninguém, nem à faculdade, nem à polícia. Até porque eu já tinha bebido, estava a dançar com ele, de certeza que iam dizer que eu é que tinha a culpa, ou iam desvalorizar o que eu estava a contar, porque de certa forma, permiti que ele estivesse comigo e dei " os sinais" errados. Por isso optei por não dizer nada.</p>	<p>A P1 diz que não ter reportado do sucedido a nenhuma das entidades, pois acha que a iam culpar por ter estado a beber e a dançar com a pessoa em questão e por esse motivo, acabou por optar não por dizer nada.</p>	<p>Receio de ser culpabilizada pela faculdade e pelas autoridades</p> <p>Sente que vai ser descredibilizada por ter consumido álcool e estar a dançar com o rapaz</p> <p>Receio que não acreditem na sua palavra</p>
U.S.5	<p>E- Que estratégias utilizou para lidar com esta experiência?</p> <p>P- Acho que não consegui lidar bem com tudo isto. Ele não</p>	<p>A P1 diz não ter lidado bem com esta experiência.</p> <p>A P1 menciona que apesar da pessoa não ser da sua faculdade e de não o ter visto</p>	<p>Não conseguiu lidar de forma adequada com a experiência</p> <p>Estratégias de evitamento</p>

	<p>era da minha faculdade e por isso não o vi mais, mas deixei de ir a festas da faculdade e não falo com o amigo dele, para evitar saber dele, até porque depois disto acontecer, o amigo dele disse-me que ele tinha gostado muito de dançar comigo e ficou muito preocupado por eu ir embora sem dizer nada. Eu fiquei um bocado assustada com essa conversa e então, fui-me começando a distanciar dessa pessoa.</p>	<p>novamente, deixou de frequentar festas universitárias e de falar com o amigo que tem em comum, com esta pessoa. A P1 explica esta decisão, com o facto, de o amigo que ambos têm em comum, referir que a pessoa em questão, tinha gostado muito de estar com a P1 e tinha ficado preocupado, por a mesma, ir embora sem avisar.</p> <p>A P1 menciona ter ficado assustada com essa conversa e por isso, distanciou-se desta pessoa.</p>	<p>como forma de lidar com a experiência (evitamento do colega, evitamento de festas universitárias)</p> <p>Sente-se assutada com a persistência da pessoa</p> <p>Sente que não conseguiu lidar com a experiência</p>
<p>U.S.6</p>	<p>E- De que forma, é que esta experiência, influenciou a sua vida diária?</p> <p>P- Tenho mais cuidado relativamente a festas e às pessoas com quem me dou. Agora quando saio com amigos, vou sempre com pessoas que conheço e que sei que não me vão deixar sozinha. Além disso, já não estou com pessoas que não conheço sozinha, peço sempre a alguém para ficar comigo, porque tenho medo que me tentem fazer alguma coisa e que não me consiga defender. Daquela vez consegui,</p>	<p>A P1 refere que agora têm mais cuidado com as festas que frequenta e com as pessoas com quem mantém uma relação. Diz que quando sai com os amigos, está sempre acompanhada de pessoas que confia e que sabe que não vão deixar sozinha.</p> <p>Menciona ainda, que já não fica sozinha com pessoas que não conhece, pois diz ter medo, que estas lhe façam alguma coisa e medo de não se conseguir defender novamente.</p>	<p>Mais cuidadosa relativamente a Ambientes e pessoas desconhecidas</p> <p>Medo de que a experiência se possa voltar a repetir</p> <p>Receio de não se conseguir defender</p> <p>Sente que a experiência acabou por influenciar a sua vida</p>

	<p>mas tenho medo que volta a acontecer e que não consiga fazer nada. Por isso, acho que posso dizer que isto influenciou a minha vida, sem me dar conta.</p>	<p>A P1 conclui que quando ocorreu a experiência se conseguiu defender, mas tem receio que o mesmo possa voltar a acontecer e que não consiga fazer nada.</p>	
U.S.7	<p>E- Têm alguma rede de Apoio com quem possa falar/desabafar sobre esta experiência?</p> <p>P- A única pessoa com quem falei foi com a amiga que veio buscar, que foi muito compreensiva e eu pedi-lhe para não contar a ninguém, porque não quero que mais ninguém saiba do que me aconteceu. Pode ser que um dia consiga contar a mais pessoas mas para já ainda não, ainda é tudo bocado recente.</p>	<p>A P1 revela que a única pessoa a que contou o sucedido foi à amiga, que a veio buscar à festa. Refere ainda, que a mesma foi muito compreensiva e que lhe pediu para não comentar com ninguém o que se tinha passado, pois não queria que mais pessoas soubessem do sucedido. A P1 expressa que um dia poderá contar a mais pessoas, mas agora não o quer fazer, pois é muito recente.</p>	<p>Desabafo com uma amiga sobre a situação</p> <p>Tentativa de esconder a experiência dos outros</p> <p>Receio que as outras pessoas saibam do sucedido</p>
U.S.8	<p>E- Procurou algum tipo de Apoio Profissional para conseguir lidar com esta experiência?</p> <p>P- Não procurei apoio profissional, acho que não é preciso para já mas tenho a noção que podia ser uma ajuda para conseguir falar desta situação.</p>	<p>A P1 diz não ter procurado apoio de um profissional, pois considera ainda não é necessário. Contudo, refere que esse apoio poderá ser uma ajuda para conseguir falar abertamente sobre esta experiência.</p>	<p>Tentativa de enfrentar a experiência sozinha</p> <p>Sente que o acompanhamento por um profissional seria benéfico</p>

Anexo 6- Tabela 4. Participante 2

Participante 2, 21 anos, Sexo Feminino, Licenciatura

	Unidade de Significado(U. S)		Significado Psicológico(S.P)
U.S.1	<p>E- Explique como é que foi a sua experiência de ser assediada/o?</p> <p>P- Eu fui assediada por quatro colegas de turma, depois de uma aula. Isto já foi mais ou menos há 2 anos, eu estava a sair da aula, já era tarde e já não estava praticamente ninguém naquele corredor, para além dos colegas da minha turma que estavam a sair. Eu fui ao cacifo, buscar alguns livros para levar para casa e depois, fui encurralada contra a parede por os quatro rapazes que eram da minha turma.</p>	<p>A P2 refere ter sido assediada por quatro colegas da sua turma, após uma aula.</p> <p>Menciona que esta experiência já ocorreu há 2 anos. A P2 começa por contar que já era tarde quando estava a sair da aula e que já não havia pessoas naquele local, para além dos seus colegas de turma. Diz que foi ao seu cacifo, buscar os seus livros e que foi nesse momento, que foi encurralada contra uma parede, por quatro colegas da sua turma.</p>	<p>Conhecimento prévio dos colegas</p>
U.S.2	<p>Não falava muito com eles, sempre achei que eles tinham um bocadinho a mania que eram engraçados, mas mais nada.</p>	<p>A P2 refere que não conversava muito com esses colegas e que achava que os mesmo tinham a mania, que eram engraçados.</p>	<p>Inexistência de um relacionamento prévio com os colegas</p>
U.S.3	<p>Quando tento sair de ao pé deles, não me deixam, estavam dois</p>	<p>A P2 diz quando tentou sair de junto dos colegas, que os</p>	

	de cada lado e não me deixavam sair. Começaram a comentar a minha roupa e disseram que me tinham visto com o meu namorado, e que eu desde que tinha namorado que estava muito mais gira e que tinham pena de não ter reparado em mim mais cedo	mesmos não a deixavam sair e que estavam dois de cada lado, impedindo assim a sua saída. Menciona que os colegas começaram a comentar a sua roupa e o facto de ter namorado, referindo que queriam ter reparado na P2 mais cedo.	
U.S.4	Eu comecei a ficar muito assustada com aquela conversa e pedi que me deixassem ir embora, e eles começaram a dizer que eu para me vestir daquela maneira agora, é porque queria a atenção deles também e que tinha conseguido.	A P2 diz ter ficado assustada com toda a situação, pedindo aos colegas para a deixarem ir embora. A P2 menciona, novamente, o facto de os colegas comentarem a forma como se encontrava vestida, insinuando que ela o fazia para chamar a atenção dos mesmos.	Sente-se assustada com os comportamentos inadequados dos colegas Tentativa de sair do local
U.S.5	Só consegui sair sem que acontecesse nada, porque ficaram duas raparigas a falar com o professor até aquela altura e quando as vi, chamei-as e elas vieram ter comigo e só assim é que sai.	A P2 conclui, que só conseguiu sair da situação sem que nada acontecesse, porque chamou duas colegas que ainda se encontravam na sala a falar com o professor e as mesmas foram ter com ela.	Saída da situação por intermédio de duas colegas
U.S.6	E-Como é que se sentiu durante a experiência e após a mesma? P- Assustada e com medo, que me pudessem fazer alguma coisa. Nunca	A P2 diz ter-se sentido assustada e com medo, que algum dos colegas que fizesse alguma coisa. A P2 salienta que nunca teve tanto	Sente-se assustada e com medo que lhe fizessem mal Não consegue lidar bem com o sucedido Sonhos intrusivos sobre a experiência

	<p>me tinha sentido com tanto medo, como me senti naquele momento. Nem quero pensar no que me podia ter acontecido, se aquelas duas raparigas não tivessem lá, ainda hoje tenho sonhos com isso.</p>	<p>medo, como nesta situação, referindo nem querer pensar no que lhe poderia ter acontecido, se as outras colegas não tivessem aparecido.</p> <p>A P2 diz ainda ter sonhos com o que se passou.</p>	<p>Não consegue pensar sobre o sucedido, sem se sentir com medo.</p>
U.S.7	<p>E- Como é que a experiência chegou ao fim (caso já tenha terminado)?</p> <p>P- Isto aconteceu a meio do semestre, por isso como tinha algumas aulas com eles, tinha que os continuar a ver, o que não foi de todo bom</p>	<p>A P2 refere que esta situação ocorreu a meio do semestre e que por isso, tinha de continuar a ver os colegas em questão.</p>	<p>Continua a ver os colegas, após a experiência</p>
U.S.8	<p>E depois eles faziam comentários sobre o que eu trazia vestido e olhavam para mim de alto a baixo, por isso durante o resto do semestre andei sempre com medo que me acontecesse alguma coisa outra vez.</p>	<p>A P2 diz que os colegas continuaram a fazer comentários sobre o que a mesma trazia vestido e olhavam-na de alto a baixo.</p> <p>A P2 refere ter medo de que lhe voltasse a acontecer alguma coisa.</p>	<p>Continuação do assédio após a experiência relatada</p> <p>Medo que pudesse acontecer novamente alguma coisa</p>
U.S.9	<p>Isto só acabou porque me fui embora da faculdade.</p>	<p>A P2 explica que a situação só chegou ao fim, quando saiu da faculdade.</p>	<p>Saída da faculdade com forma de terminar o Assédio</p>
U.S.10	<p>E- Contou/ Reportou ao Estabelecimento de Ensino ou às autoridades? Caso não o tenha feito, qual motivo que a/o</p>	<p>A P2 refere que não reportou o sucedido à faculdade mas acha que o deveria ter feito, pois acha que é</p>	<p>Sente-se culpada por não ter reportado à Faculdade</p> <p>Receio que acontecesse o</p>

	<p>levou a manter em silêncio. Caso tenha reportado, explique como lidaram com a situação.</p> <p>P- Não reportei à faculdade, provavelmente devia tê-lo feito porque é possível que eles façam isto a mais raparigas ou já o tivessem feito antes de mim</p>	<p>possível que os colegas façam a mesma coisa a outras raparigas</p>	<p>mesmo a outras raparigas</p>
U.S.11	<p>Mas eu tinha medo, tinha medo que não acreditassem em mim, porque era a minha palavra contra a deles e não queria mais confusão para mim, porque se eles fossem chamados à direção, sabiam que tinha sido eu a ir fazer queixa e ia ser pior para mim, tenho a certeza.</p>	<p>A P2 diz ter tido medo e não queria ser associada a toda esta situação, pois referia que se os colegas fossem chamados à direção iriam culpá-la a ela e isso ia ter consequências.</p>	<p>Receio que não acreditassem na sua palavra</p> <p>Medo de retaliações por parte dos colegas</p> <p>Receio de que outras pessoas soubessem do que se passou</p>
U.S.12	<p>Por isso fiquei calada e no fim do ano, mudei para outra faculdade, porque não podia continuar ali, outro ano, com medo do que pudesse acontecer e a vê-los outra vez.</p>	<p>A P2 diz que ficou calada e mudou de Faculdade no final do ano, pois não os queria continuar a ver e tinha receio que acontecesse novamente alguma coisa.</p>	<p>Mudança de faculdade como forma de acabar com a situação</p> <p>Medo de voltar a ser assediada pelos mesmos colegas</p>
U.S.13	<p>E- Que estratégias utilizou para lidar com esta experiência?</p> <p>P- Não fiz nada, fiquei calada. E hoje, arrependo-me disso.</p>	<p>A P2 refere não ter feito nada para lidar com a experiência, ficou calada e arrepende-se de o ter feito.</p>	<p>Sente que não consegue lidar com a situação</p>
	<p>Devia ter tido mais</p>		

U.S.14	coragem e confrontá-los quando me fui embora. Devia lhes ter dito que o que eles me fizeram não se faz e que deviam era ser expulsos da faculdade por terem este tipo de comportamentos.	A P2 diz que deveria ter tido mais coragem e confrontar os colegas em questão, dizendo-lhes que o que eles lhe fizeram, não era correto e que deveriam ser expulsos pelo mesmo	Arrependimento por não ter confrontado os colegas
U.S.15	Em vez disso, limitei-me a ficar calada, a evitar confrontos, tentava não chamar atenção para mim, não participava nas aulas e até mudei a minha forma de vestir, que é uma coisa que não devia ter feito. Mas sentia que a culpa era minha, porque estava vestida, de uma forma, que chamava a atenção. Devia ter feito tudo de outra forma.	A P2 menciona, novamente, que ficou calada, que evitou confrontos com os colegas, que tentava não chamar a atenção dos mesmos, chegando a deixar de participar nas aulas e a mudar a sua forma de vestir.	Estratégias de evitamento para lidar com a situação Sentia-se culpada e responsável pelo o que lhe tinha acontecido
U.S.16	E- De que forma, é que esta experiência, influenciou a sua vida diária? P- Influenciou bastante. Não confio em rapazes no geral, para além do meu namorado que foi um grande apoio para mim. Nos trabalhos de grupo, fico sempre com raparigas e os meus amigos rapazes são muito restritos.	A P2 refere que esta experiência influenciou bastante a sua vida diária, relativamente à sua confiança em homens. Salaria ainda que, nos trabalhos de grupo fica sempre com raparigas e que os seus amigos rapazes são muito poucos.	Desconfiança relativa ao sexo Masculino Sente que a experiência influenciou a sua vida
U.S.17	Não dou conversa a ninguém, não aceito pedidos de amizade	A P2 diz ainda que não conversa com ninguém e não aceita	Receio em conhecer pessoas novas

	nas redes sociais de pessoas que não conheço.	pedidos de amizade de desconhecidos nas redes sociais	
U.S.18	Estou muito mais comedida na forma como vou vestida para a faculdade, porque não quero dar a impressão errada.	A P2 conclui, que tem mais cuidado na forma como se veste, pois não quer dar a impressão errada.	Medo que possa voltar a acontecer o mesmo
U.S.19	E- Têm alguma rede de Apoio com quem possa falar/desabafar sobre esta experiência? P- Falei com as pessoas que me são mais próximas, uns dias depois, porque aquilo foi difícil de falar, ainda hoje é e não quero que mais pessoas saibam.	A P2 refere que falou com a pessoas que lhe eram próximas sobre o que lhe aconteceu, mas diz ainda ser difícil falar sobre o assunto.	Confiança nas pessoas mais próximas para falar sobre o sucedido Dificuldade em falar sobre a experiência
U.S.20	O meu namorado apoio-me muito, ele quando soube da situação, queria ele ir falar com eles e disse que isto só se resolvia com uma conversa de homem para homem mas eu não quis, pedi-lhe por tudo para ele não fazer nada, porque ia ser pior para mim.	A P2 salienta que o namorado a apoiou muito e que o mesmo, queria falar com os colegas da P2 sobre a situação, mas a P2 pediu-lhe para não fazer, pois tinha receio que fosse pior para ela.	Confiança no namorado para desabafar sobre a experiência Receio de retaliação por parte dos colegas, caso o namorado os confrontasse
U.S.21	E- Procurou algum tipo de Apoio Profissional para conseguir lidar com esta experiência? P- Neste momento, estou a fazer terapia. Estive muito tempo a lidar com este assunto sozinha e isto já me estava a afetar bastante	A P2 afirma que está a fazer terapia, pois esteve a lidar com esta situação sozinha e acha que a mesma a afetou bastante.	Necessidade de apoio profissional para lidar com a situação

U.S.22	Espero que com a terapia conseguia melhorar e ficar menos desconfiada das intenções dos homens e quem consiga relacionar melhor com eles, até porque estou quase a entrar para o mercado de trabalho e isto ia ser uma dificuldade.	A P2 espera melhorar com a terapia, de modo a conseguir relacionar-se melhor com os homens e a não ficar desconfiada das intenções dos mesmos, pois acha que isso será uma dificuldade no futuro para a sua vida.	Desconfiança relativamente ao sexo masculino Tentativa de superar a desconfiança em relação aos homens Realização de que a experiência afetou a sua vida
--------	---	---	--

Anexo 7- Tabela 5. Participante 3

Participante 3, 20 anos, Sexo Masculino, Licenciatura

	Unidade de Significado(U.S)		Significado Psicológico (S.P)
U.S.1	<p>E- Explique como é que foi a sua experiência de ser assediada/o?</p> <p>P- Isto que aconteceu, não acho que seja muito grave, mas vou contar na mesma. Aconteceu entre mim e uma colega de faculdade. Essa colega era nova na faculdade e um ano mais velha do que eu.</p>	<p>O P3 refere que a sua experiência de assédio foi com uma colega de Faculdade, que era mais velha.</p>	<p>Conhecimento prévio da pessoa questão</p>
U.S.2	<p>Não é para me gabar, mas durante o secundário, sempre fui "popular", sempre gostei de ir a festas e sair com os amigos e conhecer miúdas, por isso na faculdade não mudou grande coisa.</p>	<p>O P3 menciona que durante o secundário, sempre foi popular e gostava de conhecer pessoas novas, especialmente raparigas.</p>	<p>Vê-se como sendo popular entre o Sexo Feminino no Secundário e na Faculdade</p>
U.S.3	<p>Esta rapariga, sentava-se atrás de mim nas aulas e no início, era muito tímida e mal falava comigo, estava sempre com uma amiga. Depois, tivemos de fazer um</p>	<p>O P3 conta que esta rapariga se sentava atrás dele nas aulas e que tiveram de fazer um trabalho de grupo juntos e que aí notou diferenças no comportamento dessa rapariga.</p>	<p>Sente que comportamentos da colega se alteraram em relação a si</p> <p>Conversas e comentários sexualizados com o participante</p>

	trabalho de grupo juntos e os comportamentos começaram a mudar. Percebi que ela era completamente “passada da cabeça”		
U.S.4	Começava-me a provocar, tinha conversas de teor sexual, tentava-me agarrar durante as reuniões para o trabalho de grupo e pior de tudo, foi ter publicado uma fotografia minha no <i>Facebook</i> dela, onde dava a entender que estava apaixonada por mim. Foi completamente surreal.	O P3 refere que a colega começava com conversas de teor sexual, que lhe tentava tocar durante as reuniões de grupo e que pôs uma foto sua no <i>Facebook</i> , dando a entender que estava apaixonada por ele.	Comportamentos inapropriados da colega em relação ao P3
U.S.5	E-Como é que se sentiu durante a experiência e após a mesma? P- Ao início, achei piada. Levei tudo na boa, a rapariga não me parecia má pessoa, achei que ela estava só a brincar comigo	O P3 refere que ao início descredibilizou a situação, pois achava que a colega estava só a brincar.	Descredibilização da situação
	Mas isto chegou ao ponto, que se começava a ver que ela não ia parar. Fiquei muito desconfortável com toda esta atenção e	Contudo, com o passar do tempo, começou a ficar desconfortável com toda atenção que a colega lhe dava e com a perseguição, de que estava a ser alvo por parte da mesma.	Desconforto com o que se estava a passar

	perseguição que ela me fazia.		
U.S.6	E depois, tinha de fazer de conta que nada me afetava, porque sou um homem, supostamente, quando uma miúda gosta de nós, é sempre bom, mas isto já-me assustava. Achei mesmo que ela estava obcecada por mim e não sabia o que fazer	O P3 salienta ainda, que tinha de fazer de conta que nada disto o estava a afetar, pois “é um homem”. Por último, o P3 diz ainda que o comportamento da colega o assustava e achava que ela estava obcecada por ele.	Tentativa de demonstrar que não estava a ser afetado por esta situação, por ser homem Sente-se assustado com o comportamento da colega
U.S.7	E- Como é que a experiência chegou ao fim (caso já tenha terminado)? P- Felizmente, para mim, ela saiu da faculdade no ano seguinte, porque conseguiu vaga numa faculdade, perto da casa dela, que era no sul do país.	O P3 conta que a experiência terminou porque a colega saiu da faculdade.	Saída da colega da faculdade, como forma de terminar a experiência
U.S.8	Mas enquanto, ela não saiu, foi mau. Vim a saber mais tarde, que ela pôs fotografias minhas, num dos computadores da faculdade, fiquei completamente passado. E, já para não falar, que tinha namorada na altura, que também não achou muita piada ao que se passava.	Contudo, refere que no decorrer do ano letivo, que os comportamentos da colega continuavam chegando a mesma, colocar fotos do P3, num dos computadores da faculdade. O P3 salienta ainda que, a sua namorada não lidou bem com a situação.	Continuidade dos comportamentos, até à saída da pessoa da faculdade Irritação com os comportamentos da colega Sente que a sua namorada também ficou afetada com a experiência

U.S.9	<p>E- Contou/ Reportou ao Estabelecimento de Ensino ou às autoridades? Caso não o tenha feito, qual motivo que a/o levou a manter em silêncio. Caso tenha reportado, explique como lidaram com a situação.</p> <p>P- Claro que não. Ia dizer o quê? Que tinha uma rapariga, que parecia que não fazia mal a uma mosca, a perseguir-me e a tentar tocar-me constantemente? Quem é que ia acreditar em mim? Até porque, muitas pessoas que estão nesta faculdade, estavam na mesma escola que eu, no secundário e sabem que eu tenho fama como raparigas. Ninguém ia acreditar em mim, muito menos com ela, fazer-se de sonsa para toda a gente.</p>	<p>O P3 diz não ter contado nada ao estabelecimento de ensino ou às autoridades sobre o que se passou. Referindo ainda que ninguém iria acreditar nele, devido à fama que tinha no secundário e devido ao facto da rapariga, parecer não fazer mal a ninguém.</p>	<p>Sente que vai ser descreditado pela faculdade e pelos colegas por ter fama com raparigas</p>
U.S.10	<p>E- Que estratégias utilizou para lidar com esta experiência?</p> <p>P- Confrontei-a algumas vezes. Disse</p>	<p>O P3 menciona que confrontou a colega, algumas vezes, pedindo-lhe para parar, mas que a</p>	<p>Confrontação da pessoa em</p>

	<p>para ela parar com isto, que já não tinha piada. E a seguir, ela ria-se na minha cara e continuava com conversas desapropriadas. Cheguei a um ponto, que comecei a ignorar e mudei de lugar algumas vezes. Também a confrontei com a fotografia, e ela disse-me " estou só a brincar contigo, olha até o meu pai já comentou". A sério, ela é completamente maluca. E chegou a existir dias, em que me escondi dela, porque já não conseguia aguentar mais. Às vezes, ainda me sentia um bocado culpado por me estar a esconder, porque quer dizer, sou um homem e estou-me a esconder de uma rapariga só porque ela gosta de mim? Mas, já não conseguia mais.</p>	<p>mesma, não acedia ao seu pedido.</p> <p>O P3 conta que começou a ignorar os comportamentos da colega e a mudar de lugar nas aulas.</p> <p>Confrontou a colega com a questão da fotografia, mas a mesma desvalorizou a situação, dizendo que era uma brincadeira.</p> <p>O P3 salienta que existiram dias em que se escondeu da colega, porque já não conseguia aguentar mais.</p>	<p>questão, numa primeira abordagem</p> <p>Evitamento da colega</p> <p>Estratégias de Confrontação e de Evitamento</p> <p>Sente-se culpado por não conseguir lidar com a situação</p>
U.S.11	<p>E- De que forma, é que esta experiência, influenciou a sua vida diária?</p> <p>P-Não teve influência, continuo a ser o mesmo. Gosto de sair, gosto de estar com miúdas e de conhecer miúdas novas. Não me voltou a acontecer mais nada do gênero e espero</p>	<p>O P3 salienta que esta experiência não teve influência na sua vida, referindo que continua a gostar de estar com raparigas e de conhecer pessoas novas. Diz, contudo, que não quer voltar a ver a colega em questão.</p>	<p>Sente que a experiência não teve influencia a sua vida</p> <p>Não quer voltar a ter contacto com a colega</p>

	que não veja mais aquela rapariga.		
U.S.12	<p>E- Têm alguma rede de Apoio com quem possa falar/desabafar sobre esta experiência?</p> <p>P-Não, os amigos que estavam comigo e que assistiram a alguns comportamentos dela, achavam piada. Fartavam-se de rir à minha custa, diziam que " eu tinha muita saída" e que tinha sorte, porque ela até era gira, apesar de ser maluca</p>	<p>O P3 diz que não desabafou com os amigos, pois os mesmos achavam piada aos comportamentos da rapariga e referiam que o participante tinha sorte por ter a colega a meter-se com ele</p>	<p>Falta de rede de apoio para lidar com a experiência</p> <p>Amigos como testemunhas e incentivadores da situação</p> <p>Tentativa de demonstrar que não se sentia afetado por o que estava a acontecer</p>
U.S.13	<p>E- Procurou algum tipo de Apoio Profissional para conseguir lidar com esta experiência?</p> <p>P-Não, não preciso disso.</p>	<p>O P3 salienta que não precisa de apoio profissional para lidar com a situação de assédio.</p>	<p>Sente que não precisa de apoio profissional para lidar com a experiência</p>

Anexo 8- Tabela 6. Participante 4

Participante 4, 19 anos, Sexo Feminino, Licenciatura

	Unidade de Significado (U.S)		Significado Psicológico(S.P)
U.S.1	<p>E- Explique como é que foi a sua experiência de ser assediada/o?</p> <p>P- Não sei se posso considerar o que vou escrever assédio, mas cá vai. O que passou foi entre mim e uma amiga, que já vinha comigo desde do secundário. Nós éramos amigas, mas às vezes, tinha a sensação que ela queria mais do que isso, pela forma como falava e pelas conversas que tinha comigo.</p>	<p>A P4 começa por contar, que a sua experiência de Assédio foi com uma amiga, que já conhecia desde do secundário.</p> <p>A P4 menciona que a amiga parecia querer qualquer coisa com ela, para além de amizade, devido ao teor das conversas que tinham.</p>	<p>Relação de Amizade com a pessoa que assedia.</p> <p>Sente que a amiga poderia ter um interesse romântico em si.</p>
U.S.2	<p>Fomos para a mesma faculdade e as coisas, ficaram piores do que já estavam. Para mim, o que mais me assustou, foi quando me estava na casa de banho da faculdade a arranjar e ela se pôs em cima do tampo da sanita, e começou a ver-me a vestir-me. Fiquei muito chateada e pedir-lhe para dar</p>	<p>Refere que quando foram para a mesma Faculdade, as coisas ficaram piores.</p> <p>A P4 menciona que o que mais a assustou foi quando a amiga a expiou enquanto a mesma se vestia na faculdade. Refere que confrontou a amiga e que pediu à mesma privacidade.</p>	<p>Agravamento dos comportamentos, depois da entrada na Faculdade</p> <p>Sente-se assustada com o comportamento da amiga</p> <p>Comportamentos desadequados por parte da amiga</p>

	<p>alguma privacidade. Nesse mesmo dia, ela veio com uma conversa muito esquisita, onde insinuava que existia alguma coisa entre nós, mas que eu não queria admitir e depois, estava a tentar que eu lhe desse um beijo, porque ela estava metida num grupo qualquer de teatro da faculdade e queria treinar. Eu disse-lhe que não, que ela podia treinar com outra pessoa.</p> <p>Já não sabia o que lhe dizer. Disse-lhe que éramos só amigas, que não gostava dela dessa forma. Ela depois disse-me que estava só a brincar.</p>	<p>A P4 conta ainda que, no mesmo dia, a amiga insinuou que existia alguma coisa entre elas, mas que a P4 não queria admitir. Salaria também que a amiga a tentou beijar, dizendo que estava num grupo de teatro e precisava de treinar. A P4 disse novamente à colega, que não o ia fazer.</p> <p>A P4 refere que já não sabia o que dizer à amiga, mencionando novamente, que lhe disse que eram só amigas. A amiga desvalorizou a situação e disse que estava só a brincar</p>	<p>Tentativa da amiga de desvalorizar o que se estava a passar</p>
U.S.3	<p>Desde daí, que fiquei muito desconfortável com a sua presença e especialmente, quando estava sozinha comigo.</p>	<p>A P4 conclui que ficou muito desconfortável na presença da amiga e em especial, quando estavam sozinhas.</p>	<p>Sentimento de desconforto quando está com a amiga</p>
U.S.4	<p>E-Como é que se sentiu durante a experiência e após a mesma?</p> <p>P- Não sabia como lidar com isto. Ela é minha amiga, estávamos dentro do mesmo grupo de amigas, fomos para a</p>	<p>A P4 refere não saber como lidar com a situação, uma vez que, a pessoa em questão era sua amiga e estavam na mesma faculdade.</p> <p>A P4 salienta que se sentiu muito mal, que sofreu sozinha</p>	<p>Sente que não sabe como lidar com a situação</p> <p>Enfrentou sozinha esta experiência</p> <p>Sente-se envergonhada com os que os outros podiam pensar</p>

	<p>mesma faculdade, quer dizer, não existia forma de sair disto. Senti-me mal, porque tive de sofrer sozinha tudo isto e tive muita vergonha de contar a alguém, porque não sabia o que as pessoas iam pensar.</p>	<p>com esta situação e teve vergonha de contar a outras pessoa o sucedido, pois tinha medo do que os outros pensassem.</p>	
U.S.5	<p>E- Como é que a experiência chegou ao fim (caso já tenha terminado)?</p> <p>P- Terminou da pior forma possível. Eu estava a tentar arranjar uma forma de sair da situação, sem arranjar problemas com ela mas isso tornou-se impossível, quando numa discussão do grupo de amigas, ela quase que nos obrigou a escolher entre ela e outra amiga, por uma confusão com namorados e eu escolhi ficar do lado da outra amiga</p>	<p>A P4 diz que a experiência terminou da pior forma.</p> <p>A P4 conta que estava a tentar sair da situação, sem problemas, mas após uma discussão entre essa amiga e outra amiga do grupo, a P4 acabou por ficar do lado da outra amiga.</p>	<p>Tentativa de sair da situação sem causar problemas</p>
U.S.6	<p>Ela depois, ainda tentou falar comigo, mas eu considerei que o que ela fez foi errado e disse-lhe. Ela não reagiu bem e deixou de falar por completo</p>	<p>A P4 menciona que a amiga ainda tentou falar com ela, mas a P4 disse-lhe que não considerou correta a sua atitude e isso fez com a que a pessoa em questão, não reagisse bem e deixasse de falar com a P4.</p>	

<p>U.S.7</p>	<p>E- Contou/ Reportou ao Estabelecimento de Ensino ou às autoridades? Caso não o tenha feito, qual motivo que a/o levou a manter em silêncio. Caso tenha reportado, explique como lidaram com a situação.</p> <p>P- Não contei a ninguém, tinha demasiada vergonha para isso e não sabia como explicar esta situação a alguém. Demorei muito tempo a contar a pessoas da minha confiança, contar à faculdade estava fora de questão.</p>	<p>P4 salienta que não contou a ninguém o sucedido, pois tinha muita vergonha e não sabia como explicar o que se estava a passar.</p> <p>Refere ainda, ter demorado muito tempo a contar às pessoas da sua confiança, logo reporta à faculdade, estava fora de questão.</p>	<p>Sente-se envergonhada com tudo o que se estava a passar</p> <p>Demora em reportar a alguém o sucedido, por vergonha do que os outros iam pensar</p>
<p>U.S.8</p>	<p>E- Que estratégias utilizou para lidar com esta experiência?</p> <p>P- Tentei sempre levar tudo a bem. Não lhe dava muita conversa e evitava estar sozinha com ela em algum sítio, tentava sempre estar acompanhada por mais alguém. Só quando ela tinha os comentários mais sexuais, só era mais confrontativa, quando achava que ela estava a ir longe demais com</p>	<p>A P4 conta que sempre tentou lidar a bem com a situação, tornando-se mais confrontativa, quando a amiga fazia comentários de natureza sexual.</p>	<p>Evitava estar sozinha com a pessoa</p> <p>Estratégias de confrontação, quando os comentários eram de natureza sexual</p> <p>Utilização de estratégias de evitamento e confrontação</p>

	aquela conversa ou comportamento.		
U.S.9	<p>Às vezes, acho que se não me tivesse começado a dar com ela ou se tivesse visto logo como ela era, isto não teria acontecido ou nunca teria chegado assim tão longe, como chegou.</p>	<p>A P4 acha que esta situação poderia ter sido evitada, se não se tivesse dado com esta pessoa ou se tivesse percebido como a mesma era.</p>	<p>Sente que a situação podia ter sido evitada</p> <p>Sente-se culpada por não ter percebido como era a amiga</p>
U.S.10	<p>E- De que forma, é que esta experiência, influenciou a sua vida diária?</p> <p>P- Eu já sou uma pessoa tímida e resguardada e acho que isto ainda fez pior.</p>	<p>A P4 menciona que sempre foi uma pessoa tímida e resguardada e que com esta situação, piorou ainda mais.</p>	<p>Sente que esta experiência teve uma influência negativa na sua vida</p>
U.S.11	<p>Já dou por mim, a conhecer pessoas novas e a ver que elas têm conversas ou expressões muito parecidas às dessa minha amiga e começo logo a ficar alarmada e a pensar, que tenho de ter cuidado com esta pessoa e não dar muita confiança.</p>	<p>Conta ainda, que quando conhece pessoas novas e vê que têm traços em comum com a amiga, fica logo desconfiada em relação a essa pessoa</p>	<p>Comparação de pessoas que acaba de conhecer com a pessoa em questão</p> <p>Desconfiança relativamente a pessoas novas</p>
U.S.12	<p>E- Têm alguma rede de Apoio com quem possa falar/desabafar sobre esta experiência?</p>	<p>A P4 refere que demorou algum tempo a contar a alguém sobre o assunto, pois sentia-</p>	<p>Sentimentos de vergonha relativamente à situação</p>

	P- Eu demorei algum tempo a contar a alguém sobre este assunto, porque depois tinha vergonha e perdia a coragem.	se envergonhada e perdia a coragem	
U.S.13	Mas eventualmente, contei à minha mãe e a uma amiga dela sobre o assunto e à minha melhor amiga, que me ajudou muito lidar com a situação. E acabei por não contar a ninguém do meu grupo de amigos na altura, porque não sabia com explicar a situação e tinha medo que não acreditassem em mim ou dissessem que eu estava a exagerar, que era só a maneira dela de ser e que ela não estava a ter estes comportamentos por mal. Por isso, é que demorei tanto tempo.	Contudo, diz ter-se sentido melhor, após contar à mãe, a uma amiga da mesma e á sua melhor amiga, que a ajudou muito.	Sentimento de alívio após ter desabafado com pessoas da sua confiança Receio que o grupo de amigos soubesse do que estava a passa com a P4
U.S.14	E- Procurou algum tipo de Apoio Profissional para conseguir lidar com esta experiência? P- Não, mas sei que preciso de falar com alguém sobre isto	A P4 diz não ter procurado apoio para lidar com a situação, mas percebe têm de conversar com alguém sobre o assunto.	
U.S.15	Penso que vá procurar ajuda, quando forem as férias de verão, porque tenho mais tempo.	Menciona que pondera ir procurar ajuda durante as férias de verão, porque têm mais tempo.	Perceção de que precisa de conversar com alguém profissional sobre a experiência

Anexo 9- Tabela 7. Participante 5

Participante 5, 47 anos, Sexo Feminino, Mestrado

	U.E		S.P
	Unidade de Significado(U.S)		Significado Psicológico (S.P)
U.S.1	<p>E- Explique como é que foi a sua experiência de ser assediada/o?</p> <p>P- Claro que não foi uma experiência agradável foi com um colega de turma com quem até me dava bem, mas que a partir de uma certa altura começou a querer saber mais do que devia sobre a minha vida pessoal e depois sentimental. Um toque na mão, um toque na perna do nada, sempre que chegava dava-me dois beijos e mais tarde passou a ter conversas mais abusadas e menos próprias. Quando o chamava à atenção, ele pedia-me desculpa.</p> <p>Estava sempre a olhar para mim, a tentar ter uma oportunidade para meter conversa</p>	<p>A P5 conta que a sua experiência foi com um colega de turma, com quem se dava bem, mas que depois, começou a ter comportamentos inapropriados.</p> <p>A P5 refere que o mesmo começou com comportamentos desadequados como querer saber mais sobre a vida pessoal e sentimental da P5, começar a tocá-la de forma subtil, dar-lhe dois beijos sempre que a mesma chegava e a ter conversas menos próprias. Quando a P5, o chamava a atenção, ele desculpava-se.</p> <p>A P5 escreve ainda, que o colega estava sempre a olhar para ela e a tentar meter conversa, quando</p>	<p>Conhecimento da pessoa em questão</p> <p>Relação de amizade com o colega</p> <p>Comportamentos inadequados por parte da pessoa em questão</p> <p>Tentativa de aligeirar a situação, com os pedidos de desculpa</p> <p>Relacionamentos amorosos da P5 e do colega não impeditivos destes comportamentos</p>

	<p>sobre algum trabalho da faculdade.</p> <p>Sendo que, ambos estávamos em relações com outras pessoas e ele sabia perfeitamente que eu estava com o meu namorado, já há muitos anos e isso não o impediu de continuar com este tipo de conversas.</p>	<p>tinha oportunidade.</p> <p>A P5 conclui que, tanto ela como o colega estavam em relações com outras pessoas e que isso não o impediu de continuar com estes comportamentos.</p>	
U.S.2	<p>E-Como é que se sentiu durante a experiência e após a mesma?</p> <p>P- Comecei por não dar muita importância mas com a insistência dele passei a sentir-me incomodada e sem saber como lidar com a situação</p>	<p>A P5 afirma que inicialmente, não deu importância ao que se estava a passar mas depois, começou a sentir-se incomodada e sem saber como lidar com a situação</p>	<p>Desvalorização da situação, inicialmente</p> <p>Sente-se incomodada com insistência do colega</p> <p>Sente que não consegue lidar com a situação</p>
U.S.3	<p>E- Como é que a experiência chegou ao fim (caso já tenha terminado)?</p> <p>P- Acabei por ganhar coragem e tive uma conversa com ele e disse lhe que se não parasse faria queixa dele. E ele acedeu não de muito boa vontade porque dizia que estava apaixonado por mim e achava que o que fazia não era assédio mas</p>	<p>A P5 conta que ganhou coragem e acabou por ter uma conversa com o colega, onde disse que caso não parasse com os comportamentos, ia fazer queixa dele.</p> <p>O colega acabou por concordar, apesar de contrariado, pois referiu que estava apaixonado pela P5 e que por isso, aqueles comportamentos eram demonstrações de amor.</p>	<p>Conversa com pessoa em questão como forma de terminar o assédio</p> <p>Negação, por parte do colega, que o que estava a acontecer era assédio</p> <p>Comportamentos inadequados, vistos como demonstrações de amor, pelo colega</p>

	demonstrações de amor.		
U.S.4	<p>E- Contou/ Reportou ao Estabelecimento de Ensino ou às autoridades? Caso não o tenha feito, qual motivo que a/o levou a manter em silêncio. Caso tenha reportado, explique como lidaram com a situação.</p> <p>P- Desabafei apenas com uma amiga mais chegada e como depois de ter conversado com ele o assédio terminou não fiz queixa. Conversei também com o meu namorado sobre o assunto, que me incentivou a ir fazer queixa à Faculdade, por causa do comportamento menos próprio que este colega estava a ter comigo. Foi-me complicado e tive alguma reserva em contar às pessoas, especialmente ao meu namorado, porque achei que ele não ia acreditar em mim ou me ia culpar de certa forma, porque ele acha que eu dou muita confiança às pessoas e que falo de coisas que não devo, e às vezes têm razão.</p>	<p>A P5 salienta que contou às amigas mais chegadas e ao namorado, que a incentivou a fazer queixa do colega.</p> <p>Contudo, a P5 refere que não chegou a fazer queixa, porque o colega parou com estes comportamentos.</p>	<p>Rede de Apoio como forma de desabafar e aconselhar sobre a situação</p> <p>Experiência de assédio terminou após a conversa com o colega</p> <p>Dificuldade em contar às pessoas o que se estava a passar</p> <p>Receio que o namorado não acreditasse em si e a culpasse pelo sucedido</p>

<p>U.S.5</p>	<p>E- Que estratégias utilizou para lidar com esta experiência?</p> <p>P- Primeiro, comecei por não dar muita importância ao que se estava a passar, evitava pensar muito no assunto, ignorá-lo, mas depois quando percebi que ele não ia parar, lidei com isso com bom senso calma e uma conversa muito séria com a pessoa em questão.</p>	<p>A P5 refere que começou por ignorar o assunto e não pensar muito sobre o mesmo. Contudo, como os comportamentos do colega não paravam a P5 lidou com o mesmo com uma conversa muito séria.</p>	<p>Estratégias de evitamento e confrontação para lidar com a experiência</p>
<p>U.S.6</p>	<p>E- De que forma, é que esta experiência, influenciou a sua vida diária?</p> <p>P- Apenas passei a ter mais atenção às pessoas com quem me relacionava principalmente homens no sentido de falar menos sobre mim e como se costuma dizer na gíria “passei a mostrar menos os dentes”</p>	<p>A P5 salienta que passou a ter mais atenção com quem se relacionava, em particular com pessoas do sexo masculino, passando a falar menos sobre si e a não dar tanta confiança às pessoas.</p>	<p>Sente que a experiência tornou mais atenta e reservada em relação ao que partilha com as pessoas</p> <p>Desconfiança relativamente a pessoas do sexo masculino</p>
<p>U.S.7</p>	<p>E- Têm alguma rede de Apoio com quem possa falar/desabafar sobre esta experiência?</p> <p>P- Algumas amigas</p>	<p>A P5, refere novamente, que falou com as amigas mais próximas e com o namorado que a apoiou</p>	<p>Amigas e namorado como rede de suporte para lidar com a experiência</p>

	<p>mais chegadas na altura e com o meu namorado, que me apoio nesta situação.</p>		
U.S.8	<p>E- Procurou algum tipo de Apoio Profissional para conseguir lidar com esta experiência?</p> <p>P- Já estava a ser seguida num psiquiatra quando se passou esta situação e falei com ele sobre o assunto, pois estava muito incomodada com o que se estava a passar.</p>	<p>A P5 escreve que na altura da experiência , já estava a ser acompanhada por um psiquiatra e que falou com o mesmo sobre a experiência, pois sentia-se muito incomodada com que se estava a passar.</p>	<p>Desabafo sobre experiência com um profissional</p> <p>Sente-se incomodada com a experiência</p>

Anexo 10- Tabela 8. Participante 6

Participante 6, 20 anos, Sexo Feminino, Licenciatura

	Unidade de Significado(U.S)		Significado Psicológico (S.P)
U.S.1	<p>E- Explique como é que foi a sua experiência de ser assediada/o?</p> <p>P- A minha experiência de assédio foi com um colega de faculdade mais velho. Eu ainda era caleira, e ele já estava na faculdade há 2 anos. Começamos a falar e demo-nos bem. Ele flertava comigo e eu como o achava interessante, acaba por lhe responder</p>	<p>A P6 começa por contar que a sua experiência de Assédio foi com um colega da faculdade, mais velho.</p> <p>Refere que se davam bem e que ele flertava com ela, sendo que a P6 respondia de volta</p>	<p>Conhecimento prévio da pessoa em questão</p>
U.S.2	<p>Um dia, convidou-me para ir a uma festa na casa dele e disse que podia levar umas amigas da faculdade. Eu fui e foi a pior coisa que podia ter feito. Começamos a beber todos, estava um ambiente de festa e ele começou a tentar levar-me para o quarto dele. Eu disse que não, mas ele disse, que queria conversar comigo mais à vontade e eu aceitei, porque nunca achei que ele me fosse fazer</p>	<p>A P3 menciona que esse colega a convidou para ir a uma festa na casa dele e que ela aceitou.</p> <p>No decorrer da festa, a P6 conta que todos começaram a beber e que o colega a tentou levar para o quarto dele. A P6, inicialmente recusou, mas depois acabou por ceder.</p> <p>A P6 refere que já no quarto, o colega começou a beijá-la e ela salientou que</p>	<p>Recusa inicial em ficar sozinha com o colega</p> <p>Não deu consentimento para as possíveis relações sexuais</p> <p>Tentativa de parar os comportamentos do colega</p> <p>Pedido de ajudar para tentar sair da situação</p>

	<p>mal. Quando chegamos ao quarto, ele começou-me a beijar e eu tentei pará-lo e disse que não queria. Ele não me ligou nenhuma e continuou o que estava a fazer. Continuei a pedir para parar e comecei a gritar, porque estavam mais pessoas em casa. Quando pensei que ninguém me ia ajudar, porque ele estava muito avançado no que estava a fazer, apareceu um amigo dele no quarto com uma das minhas amigas e estavam completamente bêbados. Foi aí, que eu consegui empurrá-lo de cima de mim e fugir a correr daquela casa.</p>	<p>não queria, mas o colega continuou. A P6 pediu novamente ao colega para parar e começou a gritar, para tentar chamar ajuda.</p> <p>A P6 escreve que achou que ninguém ia aparecer para a ajudar, pois a situação estava a ficar fora de controlo, mas depois entraram no quarto uma amiga da P6 e um amigo do colega e foi assim, que a P6 se conseguiu libertar do alegado agressor e fugir da sua casa.</p>	
U.S.3	<p>E-Como é que se sentiu durante a experiência e após a mesma?</p> <p>P- Senti-me mal e com nojo de mim própria. E sentia-me muito culpada porque estive a beber e fui com ele para o quarto, fui muito irresponsável. Se me tivesse acontecido algo mais grave, a culpa era minha, eu é que devia</p>	<p>A P6 salienta que se sentiu mal e com nojo de si própria. Referindo ainda, que sente muito culpada, porque esteve a beber e foi para o quarto com o colega.</p> <p>A P6 sente que foi irresponsável e acha que se acontecesse alguma coisa, a culpa seria dela.</p>	<p>Sentimentos de nojo e angústia consigo própria</p> <p>Sentimentos de culpa e de responsabilização por o que lhe aconteceu</p> <p>Sente que poderia ter evitado a situação, se não tivesse ido para o quarto</p>

	<p>ter percebido logo, o que é que se ia passar. Mal consegui, chegar a casa, fui logo tomar um banho e deitei aquela roupa fora, já não conseguia olhar mais para ela.</p>	<p>Por último, a P6 conta ainda que após chegar a sua casa, foi tomar um banho e deitar a roupa que estava a usar fora.</p>	
U.S.4	<p>E- Como é que a experiência chegou ao fim (caso já tenha terminado)?</p> <p>P-A festa foi no fim-de-semana e depois quando cheguei à faculdade, eu queria era esquecer o assunto e não falar com ninguém sobre aquilo, mas percebi que alguém tinha andado a espalhar rumores que eu e esse rapaz tínhamos dormido juntos na festa. Eu neguei tudo e falei com as minhas amigas que estavam lá comigo sobre o que tinha acontecido, mas elas não acreditaram em mim. Disseram que me tinham visto a sair do quarto dele, meia despida e que ele no fim da festa, tinha contado a toda a gente que tínhamos feito sexo.</p>	<p>A P6 refere que quando chegou à faculdade, no fim de semana, após a festa, constatou que alguém tinha andado a espalhar rumores sobre ela e esse colega, insinuando que tinham dormido juntos.</p> <p>A P6 salienta que negou tudo e que contou às amigas o que se tinha passado. Contudo, afirma que as amigas não acreditaram nela, pois tinham-na visto a sair do quarto do colega e referiram que o próprio rapaz, tinha contado que tinha dormido juntos.</p>	<p>Receio que os outros soubessem do que se tinha passado</p> <p>Negação dos rumores, que insinuam que o que aconteceu foi consentido</p> <p>Sente-se desacreditada pelos colegas</p>
U.S.5	<p>Depois disto, a minha vida na faculdade foi um inferno. Era tudo a</p>	<p>A P6 afirma que a sua vida na</p>	<p>Sente que a sua vida</p>

	falar sobre mim, ele continuava a inventar histórias sobre nós os dois e dizia que eu sempre estive apaixonada por ele e quis aquilo que ele me fez.	faculdade, depois disto, se tornou um inferno. Conta que as pessoas falavam sobre ela e que o colega continuava a afirmar que a P6 queria o que ele lhe fez e que estava apaixonada por ele.	acadêmica se tornou insuportável, após a experiência
U.S.6	Eu tive de mudar de faculdade no final do ano, porque isto estava a ser demais, já não conseguia e além disso, acabei por chumbar a grande parte das cadeiras, porque deixei de ir às aulas.	A P6, conclui, dizendo que mudou de Faculdade no final do ano, porque não conseguia lidar com o que se estava a passar. Salienta ainda que, reprovou à grande maioria das cadeiras, pois deixou de frequentar as aulas.	Sente que não consegue lidar com a situação Transferência para outra faculdade como forma de terminar a experiência Absentismo escolar como forma de lidar com a experiência
U.S.7	E- Contou/ Reportou ao Estabelecimento de Ensino ou às autoridades? Caso não o tenha feito, qual motivo que a/o levou a manter em silêncio. Caso tenha reportado, explique como lidaram com a situação. P- Não reporte à faculdade nem à polícia, mas pensei em fazê-lo. Acabei por desistir, porque achei que ainda ia tornar tudo pior do que já estava. Já me acusavam de ser	A P6 refere que não reportou à Faculdade ou à polícia, mas que pensou em fazê-lo. Afirma que acabou por não fazer, porque os colegas a acusavam de estar a mentir e a inventar uma tentativa de violação e por esse motivo, optou por não apresentar uma queixa.	Sente que ninguém acredita na sua versão dos acontecimentos Não reporta o sucedido, com medo de represálias Sente que deveria ter coragem para impedir que o mesmo aconteça a outras pessoas

	<p>mentirosa e ter inventado uma tentativa de violação, quando supostamente fui eu quis e que estava apaixonada por ele, por isso, optei por ficar calada e não arranjar mais confusões para mim. Mas tenho a noção de que deveria fazer alguma coisa, que isso pode impedir que ele ou outros façam o mesmo a mais alguém mas não tenho coragem para isso</p>	<p>Contudo, a P6 refere que acha que deveria ter feito alguma coisa, para impedir que o mesmo aconteça a outra pessoa, mas afirma que não teve coragem.</p>	
U.S.8	<p>E- Que estratégias utilizou para lidar com esta experiência?</p> <p>P- Evitei tudo e todos. Deixei de ir à faculdade, deixei de falar com as pessoas até porque a grande parte delas, achava que eu era uma mentirosa, que estava a fazer isto porque ele já não queria nada comigo, depois de dormirmos juntos. Por isso, foi muito complicado, já não sabia o que fazer ou como lidar com tudo o que estava a acontecer. Afastei-me toda a gente, deixei de fazer coisas que gostava de fazer e sinceramente,</p>	<p>A P6 refere que evitou tudo e todos, como forma de lidar com a experiência. Conta que deixou de frequentar a faculdade e de falar com as pessoas, mesmo aquelas, que ela considerava suas amigas. A P6 salienta, novamente, que se afastou de toda a gente, que deixou de fazer atividades que gostava e que considerou que a única forma de lidar com o que se estava a passar era desaparecer daquele local e nunca mais ser vista.</p>	<p>Estratégias de evitamento para lidar com a experiência</p> <p>Sente que não conseguia lidar com o que se estava a passar</p> <p>Afastamento das pessoas mais próximas</p> <p>Diminuição das atividades que gostava de fazer</p> <p>Mudança de faculdade como forma de terminar com a experiência</p> <p>Sente que a única forma de lidar com a experiência é desaparecer</p>

	<p>pensei que a única forma de lidar com isto era desaparecer daqui e nunca mais ninguém me ver. De certa forma, foi isso que fiz. Pedi transferência para uma faculdade, que fica longe de tudo isto.</p>	<p>A P6 conclui, que foi isso que fez, ao mudar para outra faculdade.</p>	
U.S.9	<p>E- De que forma, é que esta experiência, influenciou a sua vida diária?</p> <p>P- Influenciou muito a minha vida. Perdi tudo o que tinha. Perdi as minhas amigas, deixei um curso e uma faculdade que gostava, deixei de praticar desporto, que era uma coisa que fazia com regularidade, comecei a ficar mais tempo em casa devido ao que se estava a passar na faculdade. Este indivíduo acabou por estragar a minha vida e sei que mais tarde ou mais cedo, vou ter de o ver novamente.</p>	<p>A P6 afirma que esta experiência influenciou muito a sua vida.</p> <p>Refere que perdeu tudo o que tinha, as suas amigas, o curso, que teve de deixar a faculdade que gostava, que deixou de praticar desporto e de sair de casa.</p> <p>A P6 menciona que este sujeito lhe acabou por estragar a vida e que sabe que um dia vai ter de o encontrar novamente.</p>	<p>Experiência como uma influência negativa na vida da P6</p> <p>Sentimentos de perda, derivados da experiência</p> <p>Sentimentos de raiva relativamente à pessoa em questão</p>
U.S.10	<p>E- Têm alguma rede de Apoio com quem possa falar/desabafar</p>	<p>A P6 escreve que não desabafou com ninguém sobre a experiência, uma vez que, as pessoas,</p>	<p>Não teve uma rede de apoio para desabafar sobre o assunto</p>

	<p>sobre esta experiência?</p> <p>P- Não tive ninguém com quem falar sobre o assunto, porque ninguém acreditava em mim. Todas as pessoas, mesmo as que, eu considerava amigas, achavam que ele estava a dizer a verdade e eu a mentir. Por isso, nunca consegui falar com ninguém. Nesta nova faculdade, já tenho alguns amigos mas nunca falei sobre este assunto com eles.</p>	<p>mesmo as que ela julgava, suas amigas não acreditavam que estava a dizer a verdade.</p> <p>Menciona que nesta faculdade, já têm amigos mas que ainda não conseguiu abordar com os mesmos, este assunto</p>	<p>Dificuldade em falar sobre a experiência com os novos amigos</p>
U.S.11	<p>E- Procurou algum tipo de Apoio Profissional para conseguir lidar com esta experiência?</p> <p>P- Sim, depois de mudar de faculdade, percebi que precisava de falar com alguém sobre o que me aconteceu, porque isto afetou bastante a minha vida. Já fiz algumas sessões com uma psicóloga e está tudo a correr bem.</p>	<p>A P6 afirma que procurou Apoio Psicológico para conseguir lidar com a situação, pois reconhece que a experiência afetou bastante a sua vida.</p>	<p>Apoio Psicológico como forma de desabafar sobre a experiência</p> <p>Perceção de que a experiência teve uma grande influência na sua vida</p>

Anexo 11- Tabela 9. Constituintes Essenciais da Primeira Experiência

Constituintes Essenciais	P1	P2	P4	P5	P6
Sentimentos de Culpa/ Autorresponsabilização	(...). De certa forma, acabei por me sentir culpada, porque eu estava a dançar com ele, devia ter logo dito que não e ir embora. Sinceramente, fiquei a sentir-me muito culpada.	(...), mas sentia que a culpa era minha, porque estava vestida, de uma forma, que chamava a atenção	(...) acho que se não me tivesse começado a dar com ela ou se tivesse visto como ela era, isto não teria acontecido ou nunca teria chegado assim tão longe, como chegou.	(...)porque achei que ele me ia culpar de certa forma, porque ele acha que eu dou muita confiança às pessoas e que falo de coisas que não devo, e por vezes, tem razão.	(...)E sentia-me muito culpada porque estive a beber e fui com ele para o quarto, fui muito irresponsável. Se me tivesse acontecido algo mais grave, a culpa era minha, eu é que devia ter percebido logo, o que é que se ia passar.
Estratégias de Evitamento	(...), mas deixei de ir a festas da faculdade e não falo com o amigo dele, para evitar saber dele(...) então, fui-me começando a distanciar dessa pessoa.	Não fiz nada, fiquei calada. (...)em vez disso, limitei-me a ficar calada, a evitar confrontos, tentava não chamar atenção para mim, não participava nas aulas e até mudei a minha forma de vestir.	Não lhe dava muita conversa e evitava estar sozinha com ela em algum sítio, tentava sempre estar acompanhada por mais alguém.	Primeiro, comecei por não dar muita importância ao que se estava a passar, evitava pensar muito no assunto, ignorá-lo (...).	evitei tudo e todos. Deixei de ir à faculdade, deixei de falar com as pessoas(...) Afastei-me toda a gente, deixei de fazer coisas que gostava de fazer e sinceramente, pensei que a única forma de lidar com isto era

					desaparecer daqui e nunca mais ninguém me ver
Medo de ser desacreditada pelos outros	(...)de certeza que iam dizer que eu é que tinha a culpa ou iam desvalorizar o que eu estava a contar, porque de certa forma, permiti que ele estivesse comigo e dei "os sinais" errados.	Mas eu tinha medo, tinha medo que não acreditasse em mim, porque era a minha palavra contra a deles(...).	(...)E acabei por não contar a ninguém do meu grupo de amigos na altura, porque não sabia com explicar a situação e tinha medo que não acreditasse em mim.	foi-me complicad o(...) contar às pessoas, especialm ente ao meu namorado, porque achei que ele não ia acreditar em mim	(...) falei com as minhas amigas que estavam lá comigo sobre o que tinha acontecido, mas elas não acreditaram em mim. (...)já me acusavam de ser mentirosa e ter inventado uma tentativa de violação
Não conseguir lidar com a experiência	acho que não consegui lidar bem com tudo isto.	(...)nem quero pensar no que me podia ter acontecido (...)ainda hoje tenho sonhos com isso. Estive muito tempo a lidar com este assunto sozinha e	Não sabia como lidar com isto. Ela é minha amiga, estávamos dentro do mesmo grupo de amigas, fomos para a mesma faculdade, quer dizer, não existia	(...)passei a sentir-me incomoda e sem saber como lidar com a situação.	(...)Por isso, foi muito complicado, já não sabia o que fazer ou como lidar com tudo o que estava a acontecer

		isto já me estava a afetar bastante	forma de sair disto		
Sente que a experiência teve influência na sua vida	por isso, acho que posso dizer que isto influenciou a minha vida, sem me dar conta.	Influenciou bastante. Não confio em rapazes no geral(...) nos trabalhos de grupo, fico sempre com raparigas e os meus amigos rapazes são muito restritos(...) Não dou conversa a ninguém, não aceito pedidos de amizade nas redes sociais de pessoas que não conheço (...)estou muito mais comedida na forma como vou vestida para a faculdade	eu já sou uma pessoa tímida e resguardada e acho que isto ainda fez pior (...) já dou por mim, a conhecer pessoas novas e a ver que elas têm conversas ou expressões muito parecidas às dessa minha amiga e começo logo a ficar alarmada e a pensar, que tenho de ter cuidado com esta pessoa e não dar muita confiança.	apenas passei a ter mais atenção às pessoas com quem me relacionava principalmente homens no sentido de falar menos sobre mim.	Influenciou muito a minha vida. Perdi tudo o que tinha.
Apoio Profissional visto como benéfico	Não procurei apoio profissional (...) mas tenho a noção que podia ser uma ajuda para conseguir	neste momento, estou a fazer terapia. Estive muito tempo a lidar com este assunto sozinha e isto já me	(...)sei que preciso de falar com alguém sobre isto. Penso que vá procurar ajuda, quando forem as férias de	Já estava a ser seguida num psiquiatra quando se passou esta situação e falei com ele sobre o assunto,	(...)percebi que precisava de falar com alguém sobre o que me aconteceu, porque isto afetou bastante a

	falar desta situação	estava a afetar bastante.	verão, porque tenho mais tempo.	pois estava muito incomodada com o que se estava a passar.	minha vida. Já fiz algumas sessões com uma psicóloga e está tudo a correr bem.
--	----------------------	---------------------------	---------------------------------	--	--

Anexo 12- Tabela 10. Constituintes Essenciais da Segunda Experiência

Constituintes Essenciais	P3
Tentativa de demonstrar que não se sente afetado pela experiência	(...)E depois, tinha de fazer de conta que nada me afetava, porque sou um homem, supostamente, quando uma miúda gosta de nós, é sempre bom.
Receio de ser descredibilizado por ter fama com raparigas	(...)ninguém ia acreditar em mim, muito menos com ela, fazer-se de sonsa para toda a gente.
Estratégias de Confrontação e Evitamento	Confrontei-a algumas vezes. Disse para ela parar com isto, que já não tinha piada (...) cheguei a um ponto, que comecei a ignorar e mudei de lugar algumas vezes(...) E chegou a existir dias, em que me escondi dela, porque já não conseguia aguentar mais.
Culpabilização por não conseguir lidar com a experiência como seria esperado	(...)Às vezes, ainda me sentia um bocado culpado por me estar a esconder, porque quer dizer, sou um homem e estou me a esconder de uma rapariga só porque ela gosta de mim?
Sente que a experiência não influenciou a sua vida	Não teve influência, continuo a ser o mesmo. Gosto de sair, gosto de estar com miúdas e de conhecer miúdas novas.
Não tem necessidade de Apoio de um profissional para lidar com a experiência	(...) Não, não preciso disso.

Anexo 13- Figura 1. Esquema dos Constituintes da Primeira Experiência



Anexo 14- Figura 2. Esquema dos Constituintes da Segunda Experiência



